



DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXXIII – N.º 1423 • 1 de DEZEMBRO de 2018 • Preço Avulso Euros 1,50 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros – Estrangeiro 25 Euros

www.calvolima.com

IMOBILIÁRIA LIDER NO VALE DO MINHO

MELGAÇO MONÇÃO VALENÇA P. COURA

Calvolima Imobiliária

CERVEIRA CAMINHA MOLEDO ÁNCORA

VENDE ARRENDA TRESPASSA

T. 251 654 924

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA
 Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC

MEMÓRIAS DE NATAL

Mesmo querendo não consigo evitar
 O contínuo gotejar de doces recordações,
 De tantos Natais passados plenos de emoções,
 Que me agitam o coração, fazendo-o suspirar.

Relembro momentos de perfeita sintonia,
 Em que a família, entre risos e cantos,
 Preparava o presépio com pura alegria,
 Discutindo a festa e seus encantos.

É tanta... a nostalgia que me invade,
 Pelas ausências que já se vão notando,
 Que o encanto, se vai já esfumando!...

Mas anseio que essas memórias
 Me permitam discernir que afinal
 De uma ou outra forma, haverá sempre Natal!

Armanda Urze, Vila
 22 de novembro de 2018



Jorge Ribeiro, em lista única, foi reeleito para Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço

Numa lista e projeto de continuidade, com algumas caras novas em todos os órgãos.

A situação de lista única não se verificava há cinco atos eleitorais
 Reeleita com mais de 90% dos votos válidos.

Em declarações ao nosso jornal disse-nos:

“O facto de termos sido a única lista a concorrer é por nós encarada como um sinal do reconhecimento pelo trabalho realizado ao longo do mandato que agora termia”

“É com grande honra e com sentido de responsabilidade acrescido, que continuamos a assumir com todo o empenho e dedicação, os destinos da mais antiga instituição do concelho e uma das mais antigas do país”

“A todos os que votaram, colaboraram ou simplesmente confiaram em nós, o nosso muito obrigado.”



Descargas para o Rio Minho 'mancham a vermelho' a pesca e o turismo de Melgaço

pág. 4



Desejamos a todos os prezados assinantes, ANUNCIANTES, COLABORADORES E AMIGOS **UM SANTO NATAL E UM 2019 VIVIDO COM A AJUDA DE DEUS E O BEM QUE A VIDA FIZER SORRIR A CADA UM.**

O poder de um bolo-rei
 Conto de Olinda Carvalho
 pág. 5

Confrades do Vinho Verde visitam Palácio da Brejoira
 pág. 7

Presépio ao Vivo é novidade nas atividades de Natal deste ano
 pág. 11

O Natal através dos tempos - Maria Ivone
 pág. 13

Outros textos relacionados com o Natal
 págs. 6, 15 e 25

Como quem se confessa - testemunho natalício de Alberto Magno
 pág. 16

Intervenção do Dr. José Lima no III Encontro Internacional de Abadias Cistercienses
 pág. 22-24

O abraço - re-visitação do Sacramento da Reconciliação
 pág. 25

Crónicas de Viagens
 Eslovénia e Croácia p. 18-19
 Mosteiros da Geórgia p. 26-27
 Expresso da Malásia(4) p. 27-28

Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
 4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
 comercial@quintadoregueiro.com



A Morte de Altino do Tojal

O obituário do Expresso de há umas semanas registava a morte deste jornalista e escritor (1939-2018) que trabalhou no "Jornal de Notícias", no "Século" e, por último, no "Comércio do Porto", um velho amigo, em que há anos lhe não punha a vista em cima. Mas a notícia, além de imensa pena, trouxe-me à memória um mundo de recordações de Juventude que aqui não posso deixar de evocar, ainda que de uma forma imperfeita e incompleta.

Altino do Tojal era natural do Distrito de Braga. Póvoa de Lanhoso, se não estou em erro. A memória mais antiga que dele tenho data de finais dos anos 50. Estou a vê-lo a entrar no salão de Leitura da Biblioteca Pública de Braga, com andar pausado, metido no seu sobretudo azul, para as suas leituras, que fazia com alguma frequência. Poucos anos mais tarde, já não sei por quê, aparece associado a um grupo de amigos de que fazia parte o pintor Jerónimo, o José de Araújo, então dono de uma tipografia na rua de S. Victor, e um outro rapaz, poeta, cujo nome de momento me não ocorre e que penso que era de Barcelos. Já naquela altura, o Altino, cujas posses eram muito poucas (nunca cheguei a saber de que vivia), mas frequentava a Escola Comercial, tinha uma forma de ser de certo modo cáustica e orgulhosa. Aí por 1961 entrou numa aventura com os demais do grupo de emigrarem clandestinamente para França, mas foram presos em Espanha, passando horrores, como conta num dos seus livros.

Em 1964 publica o seu primeiro livro, "Sardinhas e Lua", patrocinado, pelo Director da Biblioteca de Braga Dr. Egídio Guimarães,

da forma que um outro grande Amigo, José Moreira, justamente distinguido, a título póstumo pela Câmara Municipal, então proprietário da "PAX", infelizmente também já desaparecido, conta no seu livro "INSTANTATES, Crónicas e etc.": "A Biblioteca Pública de Braga promove hoje a presença do escritor Altino do Tojal que se vem apresentar ao público bracarense na série muito bem concebida e concretizada de *Um escritor apresenta-se...*

Foi com base neste acontecimento cultural que o dr. Henrique Barreto Nunes me sugeriu este breve apontamento, que fica para a história da edição bracarense.

Já antes de 1964, conhecia e admirava os talentos literários de Altino do Tojal, que me eram exaltados pelo seu grande *mecenas* dr. Egídio Guimarães, que intuiu com aguda perspicácia os altos dons com que tinha sido dotado o narrador seguro e efabulador irrequieto. Conhecia-o pessoalmente e com ele troquei, algumas vezes, com muito proveito para mim, impressões e ideias.

Mais tarde, já tendo mudado radicalmente de vida e de profissão, vim a ser o editor do seu primeiro livro de contos *Sardinhas e Lua*, que se esgotou rapidamente. Aconteceu isto no ano de 1964, tinha eu definitivamente optado por ser, até ao fim da vida, editor e divulgador de livros.

O dr. Egídio Guimarães foi o interventor persistente e o negociador diligente desta primeira edição de *Sardinhas e Lua*. Trouxe-me o original e ajudou-me na obtenção dos meios materiais para se fazer a edição, escreveu uma carta prefácio para ele, que agora reli por entre uma névoa de saudade e de gratidão. Para editar o livro

- é bom que se saiba isto - eu não dispunha de mais nada do que de uma tipografia. Seria necessário fazer com que o livro se vendesse rapidamente para que o capital nele investido, não corresse o risco, de se desvalorizar excessivamente. Este, o drama do editor que ama a escrita e a tem como uma das mais altas expressões da comunhão entre os homens.

Editar o livro era, por isso, um risco calculado e assumido com alegria.

Abomino o espírito censório com que alguns *bons* leitores examinam os textos e decidem se devem ou não publicar-se. Que tremenda responsabilidade! Que iníquo encargo intelectual!

Como se há-de resolver este dilema? Podíamos deleitar-nos em divagações mais ou menos plausíveis sobre os vários cenários. Mas de palavras e conceitos andamos todos fartos.

A verdade, porém, é que os contos de Altino do Tojal eram de alta qualidade. Muitos o atestavam: Óscar Lopes, Duarte de Montalegre (que na altura escondia o nome do prof. Doutor José Vitorino de Pina Martins), César Príncipe e o próprio dr. Egídio Guimarães, modestamente auto-intitulado de *simples curioso da ficção*. Outros - talvez votados para concepções mais classistas - viam nos contos a habitual lista de classes de natureza puramente ideológica, abrangendo também parâmetros de consabida luta contra a Igreja. E a linguagem? A hipocrisia reinante fingia-se horrorizada com certas expressões transcritas da vida concreta.

Os imensos intermediários que existem de facto entre o escritor e o grande público são altamente condicionantes. E geralmente não descritos como tais. Mas, muitas vezes, a fantasia dos amadores e a sorte que os ampara tornam possível que se rompam as barreiras. E nasce a obra de arte.

Assim foi com *Sardinhas e Lua* que rapidamente se esgotou. Apesar de o seu autor ter tomado o partido dos pobres, ter emprestado um sentido plástico ao seu linguajar habitual, de ter exaltado o sacerdote caçador em o *Coelhito Selvagem*. Ou por isso mesmo. O homem há-de ter muito que sofrer ainda até que entenda que só há vantagem, e também virtude, em viver a vida que tem no amoroso serviço dos outros. Que torne impossível o sermão sobre o amor, mas possível o amor vivido de uns parca com os outros. Será a hora da unidade.

O contributo de cada um de nós para que aquele alto objectivo, se concretize, é um elo precioso, muitas vezes enlouquecido, que não se encaixamos códigos estabelecidos.

Como elo permanece sólido e potente. Os códigos passam. Como tudo o que é humano.

Sardinhas e Lua tinha a valorizá-lo uma capa concebida pelo artista - fotógrafo Arcelino Azevedo, que apesar da evolução tecnológica, ainda hoje, decorridos vinte e sete anos sobre a data da sua edição, é uma excelente capa.

Foi desta experiência que Altino do Tojal partiu para a aventura da ficção".

Aventura da ficção que continuou, com persistência e firmeza, de quem tinha muito de especial a dizer-nos, designadamente com os livros *Os Putos e os Novos Putos*, largamente reeditados, inclusive em Banda Desenhada, que, estranhamente, nos parecem uma invenção sua, mas, na realidade, ele apenas os redescobriu e valorizou com uma nova dimensão. Andam a par de nós todos os dias com seus sacos de sonhos, a sua redescoberta linguagem, - apenas obcecados pela grandeza do mundo, não damos por eles. Diria mesmo que através de Altino do Tojal os Putos foram descobertos com a sua personalidade própria.

Altino Tojal no seu intenso viver, mais de escritor do que jornalista, teve ainda como experiência uma estadia em Macau que retrata pelo menos num dos seus livros, não tendo sido nada fácil a sua vida de escritor e de jornalista. Agora

que morreu guardo-lhe nas minhas memórias este lugar especial, que lhe deu direito a meia dúzia de linhas no **Obituário** do Expresso coisa que, mesmo assim, não é privilégio de muitos. Neste virar de página, que é a vida de cada um de nós. Ao menos para que saibamos que Altino de Tojal existiu. Para mim ainda, por se tratar de um notável da minha geração, e que ainda agora vejo caminhar ao encontro da sua mesa de leitura com o seu andar compassado e o seu olhar concentrado e circunspecto...

Alberto Pereira de Castro

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 Braga
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes
João Martinho Silva - Melgaço
Moisés Costa - Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde - Melgaço
Alberto Magno P. Castro - Valença
Alcídio Silva Figueiredo - Porto
Álvaro Carvalho - Braga
Ana Cristina Costa - Braga
António Costa Guimarães - Braga
António Jorge Tavares - Açores
Arminda Urze - Melgaço
Arménio Augusto de Melo - Braga
Armindo Vaz (Dr.) - Macau
Arturo Diaz (Dr.) - Barcelos
Gaspar Caldas - Melgaço
Helena Matos - Braga
José Afonso Marques - Orense
José Armando Monteiro (Dr.) - Faro
José Marques (Cónego e Doutor) - Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) - Viana
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) - Monção
Manuel Félix Igrejas - Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) - Braga
Manuel José Pereira - Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) - Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) - Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) - Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) - Lisboa
Maria Nadele Costa Lopes (Dra.) - Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) - Leiria
P.º Manuel Domingues - Viana
Olinda Carvalho (Dra.) - Lisboa

Membro da:
AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;
4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Amigos de "A Voz de Melgaço"

IMPRESSÃO E EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, nº 1 - 4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal - 20 Euros
Estrangeiro - 25 Euros

Isolamento - Estar só

São longos os dias e eternas as noites
Para quem está só...

Numa prisão sem grades e com a porta aberta
Os dias medem-se pela altura do sol,
As noites, bem as noites, pelo brilho das estrelas...
Quando há estrelas.

São sempre iguais, todos os dias...às vezes não.

Quando o sol se esconde e a noite se veste de negro,
O silêncio é pesado e duro...
Só adoçado pelo vaivém das ondas.

Meio estremunhado ainda, quando o sol quer levantar-se,
Já me encontra acordado depois de ter dado o bom dia às gaiotas.

Vejo-o a apagar o escuro da noite e sinto o que me espera.

Armando Coelho Rodrigues
Vila Chã, 29/09/2011

9º ANIVERSÁRIO T.G.B. Café | Restaurante Churrasqueira TROVISCOSO - MONÇÃO



Decorreu no passado dia 10 de Outubro, o 9º Aniversário do T.G.B. - Café-Restaurante/Churrasqueira, sito em Troviscoso, junto à E.N., nº 202 (Monção - Melgaço), tendo o seu Proprietário, Senhor Carlos Carrasqueira, proporcionado a todos os seus Clientes e à semelhança de todos os anos, a oferta de uma Merenda, com porco no espeto (Equipa de Barcelos..), com uma excelente qualidade, cerveja e a boa música ambiente ao vivo, com um Trio Musical bem equipado,

Ao repasto evento, não faltaram também os seus inúmeros clientes oriundos dos vizinhos concelhos de Melgaço e de Valença, bem como as localidades da vizinha Galiza..

De referir que o Senhor Carlos, diariamente no seu café, dispõe de 2 jornais diários : JN e CM.., para além do jornal mensal de Monção.

Parabéns ao TGB e desejos dos maiores êxitos, bem como ao seu Proprietário, Senhor Carlos.

Um bem Haja.

"UM CLIENTE ASSÍDUO".

Na paz de Deus: Dr. Joaquim Alves Moreira

Na sua casa, na Foz do Douro, após 4 anos muito difíceis para os familiares e amigos, dada a situação de total dependência e incapacidade de comunicação, faleceu o doutor Joaquim Alves Moreira, casado com Judite do Vale Domingues Ranhada Alves Moreira, nossa conterrânea. Deixa 3 filhos: Isabel Maria, Deborah Ranhada e Mário José. Deixa ainda nove netos: Maria Luísa, Diogo, Isabel, Dinis, Nuno, Afonso, Teresa, Carlota e Francisca. Deixa ainda alguns bisnetos.

O velório decorreu na igreja dos padres dominicanos da Foz do Douro, tendo a missa exequial sido presidida pelo amigo e bem conhecido nos meios universitários, o Frei Bernardo Domingues, que era também o seu confessor.

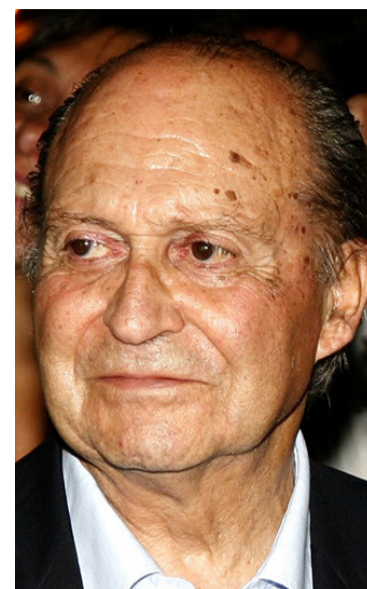
Quer o velório quer o funeral para o cemitério de Agramonte - Porto, foram muito concorridos.

Nascido em São Pedro da Cova em 12 de Janeiro de 1924, frequentou o seminário quase até fi-

nal, mas a vocação pela medicina levou-o a desistir e a matricular-se no curso de medicina em Coimbra que finaliza em 1949. Trabalha no Porto até 1957, tendo-se deslocado nesse ano, na companhia da esposa, para os Estados Unidos para se especializar em urologia, regressando a Portugal em 1961. Desde então, a sua vida passa-se como médico especialista da respectiva área no Hospital de Santo António, no Porto. Sempre muito apreciado pelas suas qualidades de trabalho, dedicação e profissionalismo.

Dele se pode dizer com inteira verdade que foi um santo Homem, um pai e avô maravilhoso, e um marido fora do comum.

Neste Natal, que para ele já se deu de maneira definitiva, pois, para quem tem fé cristã, a morte é o verdadeiro nascimento para a vida de felicidade plena em Deus e com Deus para todo o sempre, há mais uma estrela a velar e guiar todos quantos especialmente o co-



nheceram e a quem ele tanto amou durante a vida.

Com alguém assim, mais que apresentar sentimentos, devemos agradecer ao Senhor por tudo de bem e bom que ele realizou nesta vida.

Descanse em paz.

Soalheiro Granit 2017 conquista Gran Alvariño de Oro

Mais alta distinção do concurso "Albariños Al Mundo 2018"

Pelo seu perfil mais mineral, e permitindo uma redescoberta de um terroir específico dentro do Terroir de Monção e Melgaço, o Soalheiro Granit 2017 conquista a medalha "Gran Alvariño de Oro". Trata-se da mais alta distinção do concurso "ALBARIÑOS AL MUNDO 2018" promovido pela União Espanhola de Catadores, com o objetivo de mostrar, nos principais mercados vinícolas internacionais, a excelência da casta Alvarinho.

Do pioneirismo da sua criação até hoje, o foco na qualidade está sempre presente no dia a dia do Soalheiro Team, aliado à vontade

de melhorar em cada colheita. É, por isso, com orgulho que conquistam estes prémios que demonstram o reconhecimento internacional e nacional dos líderes de opinião do Soalheiro enquanto especialista em Alvarinho.

"Um agradecimento do Soalheiro Team a todos aqueles que nos ajudam a inovar para evoluir, viticultores, fornecedores, clientes, a nossa tribo, sem esquecer todos



os produtores de vinho com quem convivemos nos diversos mercados e que são permanente fonte de inspiração e motivação para cada dia fazer melhor!"

PROCURA-SE



Cão pequeno (10 KG), 10 anos, pelo comprido. Tem chip.
Perdido em Cortegada (OURENSE) a 25 de abril 2018

CONTACTOS:
251 466 028 / 919 130 865

Na Esthetic Smile temos à sua disposição a
Terapia de Ozono.
Marque a sua Consulta.



INDICAÇÕES CLÍNICAS DO OZONO NA MEDICINA DENTÁRIA:

- NO TRATAMENTO DE CÁRIES
- NA DESINFECÇÃO CIRÚRGICA
- NA PERICORONITE
- NO TRATAMENTO DE AFTAS
- NA SENSIBILIDADE DENTINÁRIA
- NA ENDODONTIA
- DE SALIENTAR QUE A MAIORIA DOS TRATAMENTOS COM OZONO NÃO NECESSITA ANESTESIA.

Saiba mais na
EstheticSmile

Tlf. +351251404002
808215415

Largo da feira - Melgaço

Descargas para o Rio Minho 'mancham a vermelho' a pesca e o turismo de Melgaço

Atentos observadores da vida aquática, mas também da fauna e flora que tem nas águas ou nas margens do Rio Minho o seu habitat, os pescadores integrantes da Associação de Pesca Lúdica e Desportiva de Melgaço (APLDM) denunciam alguns casos em que as águas, geralmente límpidas, têm mudado de cor.



O 'fenómeno' ocorre sobretudo nas épocas mais 'produtivas' para os principais sectores económicos do concelho. Segundo o presidente da Direcção da APLDM, Rui Táboas, os pescadores associados têm verificado alegados focos de poluição das águas em alguns meses do Verão e no período de vindimas.

As ocorrências verificadas pelos pescadores já motivaram três denúncias em nome da associação às entidades competentes, relativas a descargas de potenciais poluentes, alegadamente realizadas no troço do rio entre a zona de Prado e Valadares (Monção).

Um dos focos terá sido observado junto à ponte internacional do Peso o que, pela "reincidência", indigna o responsável da associação, Rui Táboas. "Parece-me estranho que as autoridades não consigam fazer o necessário para que a denúncia tenha seguimento. Não os estou a acusar, eles têm de ser respeitados pelo seu trabalho, mas é estranho que os prevaricadores não

tenham nenhuma condenação. Se tivessem, no ano seguinte não iriam fazer a mesma coisa. Ou então são condenações ligeiras", considerou.

"Uma vez a um sábado, ligaram-me para ver o que se estava a passar no rio. Numa zona onde costumamos ir ao Achigã, estava uma desgraça, tudo vermelho. Pelo que deu para perceber era vinho, provavelmente foi ao lavarem as máquinas, que veio na água e foi-se depositando no fundo. Com a água foi limpando por cima, mas o que estava depositado ficou e só sai com as cheias", alertou ainda Rui Táboas.

O impacto negativo das descargas não tratadas ou mesmo do lixo de quem procura as margens para fazer piqueniques é notório a longo prazo, como ressalva ainda o responsável da APLDM.

"Há gente que deixa sacos de plástico, garrafas de vinho, latas... E não gostam que os chamem a atenção, mas eu faço-os compreender. Outras vezes sou eu que recolho esse lixo. Quando o

caudal do rio baixa, o que mais se vê são sacos plásticos pendurados na vegetação, porque há gente que deita os sacos de lixo ao rio. Os plásticos são maus para os peixes, mas também para o turismo. Não causa nada boa impressão aos turistas que vem fazer Rafting verem estas 'bandeiras' penduradas nas árvores nas margens", considerou ainda o presidente da associação de pesca.

Incidentes nas estações de tratamento durante o Verão eram da gestão da Águas do Norte

ETAR de Penso será "uma das mais modernas do Alto Minho"

Se quanto às descargas directas para o rio, o município pode apenas assumir o papel de "fiscalização e denúncia" como qualquer cidadão, o autarca de Melgaço, Manoel Batista, diz que há culpas

a repartir entre os organismos de gestão de estações de tratamento de águas residuais.

"Sobre o mau uso por parte dos outros emissores de efluentes, a Câmara tem um papel que qualquer cidadão pode ter, que é o de fiscalização e denúncia. Não temos nenhum tipo de tutela, no sentido de sermos nós a controlar", esclarece.

Um dos problemas mais 'bicudos' do município ao longo dos últimos anos tem sido insuficiência da ETAR [Estação de Tratamento de Águas Residuais] de Penso, prestes a entrar em funcionamento após intervenção. A anterior estrutura deficitária dará lugar a "uma das mais modernas no Alto Minho, com capacidade muito considerável para o que é hoje necessário no município", sublinhou o autarca, garantindo que a nova estação de tratamento já está preparada para receber o caudal das duas Freguesias vizinhas (Penso e Alvaredo), do actual e do futuro parque industrial e das adegas instaladas que

optem por esta via de tratamento de efluentes.

"Outros emissores serão alguns dos produtores de vinho de maior dimensão do nosso município, que tem, em princípio, condições de tratamento dos seus efluentes", observou Manoel Batista.

O autarca aponta ainda alguma incapacidade da empresa Águas do Norte na gestão eficaz das estações de tratamento em alta, cuja gestão lhe está entregue. "Neste Verão houve momentos em que uma das ETARs [em alta, gerida pela Águas do Norte] estava muitíssimo mal, não funcionava, praticamente fazia descarga directa no leito do rio e nós fizemos foi um alerta imediato", assegurou o edil de Melgaço, garantindo que exigirá à empresa de gestão de estações em alta o zelo que diz manter na restante rede sob gestão da autarquia.

"Fazemos isso na nossa rede e exigimos que a empresa Águas do Norte o faça naquilo que é o seu trabalho, mas tememos que essa capacidade nem sempre seja a melhor. Por isso mesmo é que o município tomou a decisão, que passou por reunião de Câmara e pela Assembleia [Municipal] – relativamente gestão da rede de distribuição de água e saneamento em baixa – de que esse serviço ficasse connosco, porque sabemos que garantimos qualidade, que somos capazes de fazer bem e a um preço mais baixo do que o desta ideia que está a ser montada, de uma empresa no Alto Minho, para essa resposta. Este ano tivemos provas de que aqueles que querem fazer melhor, não fazem, nem de longe nem de perto, tão bem como nós fazemos", atirou o autarca.

João Martinho



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598

hospital particular
viana do castelo
258 808 030

www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756



MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF Nº 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133

O poder de um bolo-rei

Almoço combinado para restaurante certo com hora incerta numa rua da Baixa, ali para os lados da rua Augusta ou talvez do Ouro, sabia lá ir ter, não sabia o local exato. Os telemóveis existem para facilitarem a vida, nunca foi tão fácil a aproximação... Ainda não estava implantado o excesso dos GPS e, diga-se de passagem, as intervenientes também não eram lá muito dadas a esse tipo de localizadores. Dificuldade em aceitar a força do progresso ou incapacidade de acompanhar? Para o caso tanto faz, vem dar ao mesmo, embora nenhuma se considere infoexcluída, antes adepta da vida com calma, enquadrando-se o dito almoço nesse estilo que querem preservar. A intervalos regulares, encontro longo, quase sempre à mesa de um restaurante ou salão de chá para uma refeição propiciadora do desatar das línguas, de confissões libertadoras, de maledicências pequeninas de que se alimenta também o dia a dia. Acrescia ainda a visita regular à casa dos Açores, espaço de eleição pouco conhecido mas que as amigas não dispensam quando se trata de adquirir produtos genuínos de qualidade superior e ímpar. Ele são as conservas que já davam cartas antes de se tornarem em moda para turistas, ele são as compotas de frutos que lá são silvestres e nas nossas superfícies comerciais produtos de luxo, e como tal quase inacessíveis às bolsas comuns, ele são os biscoitos e os licores para lhes fazerem companhia, sem esquecer os vinhos que já brilhavam no tempo e nas mesas dos czares, os queijos, o ananás e os bolos lêvedos, as queijadas da Graciosa... enfim, tudo muito bom e devidamente apreciado e pouco conhecido.

Era ponto assente que o verão de São Martinho estaria presente para alegrar o convívio e assim foi. Encontrado o restaurante, procurou-se mesa na esplanada. Para apreciar o sol que parecia mais primaveril do que outonal e não entregar de mão beijada a luz encantatória da cidade aos muitos turistas que ocupavam quase todos os toldos. A meia dúzia de metros de uma estátua humana, por sinal bastante invulgar e um desafio para a mente dos circundantes que se questionavam sobre o que faria com que o ator conseguisse o equilíbrio naquela postura tão estranha. Não precisavam de ementa, já sabiam o que iam comer, apenas uma carta de vinhos e uma garrafa de água fresca, quando possível, não havia pressa. O bacalhau com na-

tas era o prato que lhes interessava, que as levava ali, e lamentavam os estrangeiros que predominavam e se amesendavam com bifés e pizzas e sandúches e saladas de encher mais o olho do que a barriga. Apetecia pôr-lhes à frente pastéis de bacalhau e pataniscas e polvo e carne assada, para não falar da especialidade da casa, o dito bacalhau com natas.

Primeiro foi uma empregada bastante nova, pouco assertiva na recusa de servirem o procurado bacalhau na esplanada, só ao balcão, eram ordens. Acabou por aceitar a argumentação das clientes (estes têm sempre razão, não é?), tomou nota do pedido, voltou com a água e os intróitos do costume, sempre sorridente e prestativa. Afinal não era possível satisfazer o pedido na esplanada, o bacalhau com natas não estava incluído na lista, só era mesmo servido ao balcão. Se fazia parte da ementa, exigiam que lhes fosse servido, não aceitavam a recusa, era discriminação e não desistiam. Chegou um funcionário mais experiente, com pedidos de desculpa e sugestões variadas para dar a volta ao imbroglio que começava a instalar-se, mas insistindo que o prato pretendido não fazia parte do serviço da esplanada. Uma das clientes, pouco dada a conflitos, sugeriu outro prato, estava na mesa ao lado, parecia apetitoso e ela tinha pouco tempo, não valia a pena continuar a discutir. Não concordava uma outra, podia abdicar do prato, mas a coisa não ficaria assim.

A empregada esmerou-se em simpatia e prontidão, primeiro apresentando sugestões e de seguida a chegar com os pratos tão depressa que nem se deu pelo passar do tempo. Até os pombos que partilham a calçada com os transeuntes beneficiaram do opíparo almoço, recebendo muitas migalhas e desafiando o sossego dos comensais, os nacionais muito menos recetivos do que os estrangeiros à invasão do seu espaço pelos "ratos" voadores, que, nas nossas calçadas já pouco se assemelham a aves programadas para as alturas.

O almoço em si teve tudo para fazer do encontro um sucesso. Associado às belas condições atmosféricas, às novidades de uma e de outra, ao simples prazer de estarem juntas, o que importava era mesmo a possibilidade efetiva de comemorarem a vida. Dececionadas com a recusa em lhes servirem o que ao restaurante as levava? Que importância tinha? Ali ou noutro lugar, não faltaria ocasião, e a co-

mida não era o mais importante do encontro. Todas concordavam com isso mas uma, teimosa a valer, mesmo no último momento, ao pedir a conta e sem dar satisfação às outras, decidiu também que queria o livro de reclamações.

Chegou a empregada com a conta e colada a ela o gerente. Havia alguma razão de queixa? Algo não estivera do agrado das senhoras? Estava ali para corrigir qualquer falha. O almoço correspondera às expectativas, tinha sido ótimo, só que não aceitavam não lhes terem servido o prato por que tinham feito a viagem. Se estava na ementa era para ser servido, não tinham de se sujeitar à arbitrariedade do gerente ou de quem estabelecera a regra de servir umas coisas ao balcão e outras na esplanada. Podiam fazer isso com os turistas, se calhar até nem faziam, mas não estava certo.

Sabiam as amigas que o caldo estava entornado com a Beta a persistir no seu protesto e o gerente a querer livrar-se de uma queixa no livro amarelo. Pedia-lhes a gentileza de se sentarem mais um minuto, ele voltava de imediato com o livro de reclamações. Voltou com mais uma rodada de café e uma fatia de bolo-rei para cada uma. Sugestão



do pasteleiro que acabara de desenformar a especialidade da casa e da época. Fazia gosto em que experimentassem e dessem a sua opinião. Era por conta da casa. Ficaram todas caladas, mas a Beta, sempre com a verbe na ponta da língua, e por natureza perspicaz e quezilhenta, apreendeu de imediato a intenção do gerente. Não ia desistir da explanação da incoerência com de que se sentiam vítimas. Ela a argumentar e as amigas pouco à vontade com a sua teimosia. Uma saboreou o bolo-rei, elogiou-o, sem dúvida que valia a pena ir de propósito à Baixa para o comprar. Pois, era mesmo bom, acrescentava outra, podia rivalizar com alguns com bastante fama e talvez mais caros. Ela ia mesmo comprar um para levar para casa. Especialidade bastante apreciada pela família, seria na mesa com as castanhas e a geropiga nessa mesma noite.

O gerente afastou-se sem dizer palavra e voltou de seguida com um embrulho que estendeu à promitente compradora. Fazia todo o

gosto em oferecer o bolo-rei para festejar o São Martinho. E aproveitava para as informar que podiam encomendar as especialidades da casa para o Natal. Além do bacalhau com natas, que ele lamentava não tivessem degustado, tinham outros pratos e sobretudo muita da doçaria típica do Natal.

A Beta sentiu que a sua batalha estava perdida, com as amigas cativadas pela gentileza do gerente e "subornadas" por umas fatias de bolo-rei e depois mais um inteiro, que podia ela fazer? Não ia insistir, o encontro do São Martinho não merecia ficar manchado pela sua teimosia, pegou na sua fatia e resolveu saboreá-la com o café que resfriava na chávena. Mais tarde ainda se interrogou mas sem nada dizer às outras que algo devia o restaurante rezear para o gerente se empenhar tanto em fugir a uma possível inspeção. Conclusão: o bolo-rei é mesmo bom e merece uma viagem à Baixa para o saborear no local ou levar para casa.

Olinda Carvalho

"NO FIM DA LINHA": Ainda as Estradas Nacionais entre o Alto Minho e Viana do Castelo

Venho muito rapidamente, abordar o Tema sobre o qual me pronunciei da última vez que escrevi para o jornal A VOZ DE MELGAÇO, ou seja no Jornal do dia 1 de Agosto do corrente ano, e com o Título:

NO FIM DA LINHA, O ALTO MINHO FAZ PARTE DE PORTUGAL, e referir os Artigos entretanto também publicados, no Jornal A VOZ DE MELGAÇO, dos meses de Setembro, Outubro e Novembro, deste ano, acerca do mesmo assunto.

Acabo de ouvir nas redes sociais, uma muito boa intervenção de uma Senhora Deputada pelo Distrito de Viana do Castelo, acerca de um troço (coisa de poucos Kms.), entre ARCOS DE VALDEVEZ e PONTE DA BARCA.

E, sinceramente gostei, porque a Senhora Deputada, denotou que se interessa pelo Distrito e também (e porque não?), pelos Arcos de Valdevez.

Natural e absolutamente correcta a tomada de posição, na A. R., tanto mais que a Ilustre Deputada, é natural e exerce a sua actividade profissional naquele Lindo e Histórico Concelho, nas margens do Rio Vez.

Naturalmente comentei a intervenção e dei os meus Parabéns pela mesma. Mas e a título de chamada de atenção, convidei a Senhora Deputada, a visitar as Lindas Vilas Alto Minhotas de MONÇÃO e de MELGAÇO, a partir da sede do Distrito de Viana do Castelo, utilizando as Estradas Nacionais, N° 13, n° 101 e n° 202, a fim de se inteirar das condições indignas em que nós habitantes do Alto Minho nos movimentamos.

Dado estarmos muito à beira de Eleições, esperamos nós do ALTO MINHO que os futuros candidatos (a não ser que sejam os mesmos !!!...), visitem com olhos de ver e vontade de fazer, aquilo que é justo que se veja e faça. No mínimo, o prolongamen-

to da A.E.n° 28, até à Cidade de VALENÇA DO MINHO.

No nosso País, onde as vias rápidas proliferam em excesso, sobretudo nos acessos aos grandes centros populacionais, as mesmas faltam nas zonas mais afastadas dos centros de interesse político. É lamentável ouvir falar tanto de interioridade e nada se faça para minimizar a situação das populações já de si envelhecidas e com dificuldades económicas, face à ausência de empregos. Tomemos como exemplo, a situação das poucas indústrias extractivas existentes nestes dois concelhos, já referidos, Monção e Melgaço, cujas exportações se fazem por Vigo, aqui mesmo ao lado na vizinha Galiza, em detrimento de Viana do Castelo, uma vez que de Valença a Vigo, o trajecto se faz por via rápida.

Uma vez mais, apelo para quem tem poder político, não esquecer esta porção de terra, que afinal também é Portugal...

F.V.



Um país de luto, com políticos em festa

Há pouco mais de uma semana que aconteceu uma tragédia, mais uma, que nos faz questionar até que ponto podemos confiar no Estado enquanto garante da segurança das populações.

Faltavam quinze minutos para as quatro da tarde daquela segunda-feira, dia dezanove de novembro, quando ruiu um troço com cerca de cem metros, da antiga EN 255, que liga Borba a Vila Viçosa, arrastando consigo cinco vidas humanas - dois trabalhadores da pedreira que ladeia a estrada e três habitantes das redondezas, que circulavam normalmente por aquela via.

Tenho acompanhado atentamente as notícias, tentando perceber como aquilo pôde acontecer no nosso país, no Portugal das autoestradas, no Portugal das Web Summits.

Os bombeiros e a proteção civil continuam com os trabalhos de busca, mas apenas foram recuperados os corpos de duas das vítimas. As condições em que esses trabalhos decorrem, com águas muito turbas e perigo de derrocadas, dificultam a tarefa das equipas no terreno. No entanto, os técnicos envolvidos não desistem de tentar trazer alguma paz às famílias e comunidades a que as vítimas pertencem, assim como a todos os portugueses que acompanham esta tragédia, com a atenção e incredulidade de quem percebe que poderia ter acontecido a qualquer um de nós, apenas porque estava a passar numa qualquer estrada do interior português.

Diariamente, pelo meio das notícias da tragédia, teimam em aparecer notícias dos nossos políticos em festa.

O PSD, no sábado seguinte à tragédia, muito feliz, porque encheu um espaço no norte do país, com mais de duas mil e quinhentas pessoas para uma grande festa, mostrando assim a sua força e dinamismo.

O PS desdobra-se em jantarradas e grandes festanças, comemorando os três anos de mandato, satisfeito e realizado com o irrepreensível caminho que Portugal tem seguido, com eles à frente da atual solução governativa.

Confesso a minha enorme indignação e revolta. Os responsáveis políticos atuais, além de não terem vergonha, não são pessoas



decentes, nem respeitadoras. Não são dignos do respeito das populações.

É já sabido que um documento alertando para os perigos daquela estrada, aconselhando medidas urgentes, data de vinte e sete de julho de dois mil e catorze, ou seja, tem mais de quatro anos. O problema foi, por isso, sinalizado ainda durante a anterior legislatura e atravessou estes três anos de governação fantástica da chamada "geringonça", sem que rigorosamente nada tenha sido feito.

Morreram pessoas. E os nossos governantes festejam, enquanto as famílias sofrem e a proteção civil e bombeiros procuram os corpos.

Confrontado com a notícia do acidente, o governo respondeu através do prestável Ministro das Infraestruturas, apenas para dizer que até lamentava, mas não era responsabilidade do Estado, mas sim da autarquia. Passados três dias, depois de não conseguir fugir ao assunto, lá veio o primeiro-ministro, com o ar de pagode que o caracteriza, dizer que o Estado não tinha responsabilidade nenhuma, que a responsabilidade era da autarquia.

A ignorância demonstrada, acerca daquilo que é o Estado, nas suas várias componentes centrais, regionais e locais, só pode ser motivada pânico que assola estes governantes quando confrontados com problemas graves.

Esta fuga à responsabilização, este evitar dos jornalistas quando as coisas correm mal, é já identificado pelos portugueses, como um triste traço de caráter de António Costa. Recordamos bem o seu comportamento após os incêndios do ano passado. Para o atual pri-

meiro-ministro, o importante é sacudir a água do seu capote e fugir para mais uma festança, se possível com muito foguetório.

Atendendo ao facto do problema se arrastar há vários anos, tendo apanhado o último ano do anterior governo, ao PSD cabia cancelar a festa, assumir as suas responsabilidades, explicando aos portugueses o porquê de não ter tomado as necessárias medidas.

O atual governo, deve mais um pedido de desculpa a todos os portugueses, em especial às famílias das vítimas, assumindo o falhanço das políticas de segurança das populações.

Independentemente do mais que questionável alegado bom desempenho de Portugal, ao nível das contas públicas, pergunto-me como é possível, depois de em dois mil e dezassete terem morrido queimadas mais de cem pessoas, e na semana em que ruiu a estrada de Borba, ainda com os bombeiros à procura dos corpos, o Partido Socialista se desdobrar em jantarradas, para festejar o sucesso dos três anos de governação. Pergunto-me como é possível que, no meio daquela gente toda, não haja ninguém a dizer "isto não está correto"!

Nos últimos tempos, é recorrente ouvirmos dizer que a política está cada vez menos atrativa para os elementos válidos da sociedade. Eu diria que a grande maioria dos políticos de hoje causam repulsa nos cidadãos mais capazes, sérios e responsáveis. Resta a esperança que essa repulsa assuma uma dimensão tal, que esses cidadãos entendam que chegou o momento de expulsar esta gente que hoje age impunemente, com total desprezo pelas populações.

Um breve palavras sobre... Natal

Estamos no início de Dezembro. Por todo o lado já vemos as típicas iluminações natalícias, as publicidades e promoções da época, todo o ambiente das nossas vilas e aldeias parece modificado... Enfim, já se sente o Natal.

Mas paremos um pouco para refletir numa questão: o que é, verdadeiramente, para nós, cristãos, o Natal? Será que vivemos o Natal apenas exteriormente ou também o sentimos no nosso interior, nos nossos corações?

Por um lado, cada vez mais a sociedade vive o Natal numa faceta consumista, numa dinâmica do adquirir, do renovar, do oferecer para demonstrar o nosso "espírito natalício". Mas será isto o cerne do Natal?

O Natal, nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, é a celebração da encarnação do Filho de Deus, a vinda do Senhor para nos abrir as portas do Reino dos Céus. É na medida que celebramos este acontecimento que verdadeiramente celebramos o Natal. Natal, tempo de reunir a família, tempo de construir pontes sobre as desavenças, tempo de partilhar o que de melhor somos e podemos fazer. E isto porque possuímos nos nossos corações a felicidade, o amor, a paz do nascimento daquele menino frágil que nos trouxe a salvação, aquele que sendo tudo, se fez nada para que cada um de nós possa receber, partilhar e utilizar o amor divino que Ele nos dá.

É certo que hoje é impossível viver o Natal sem as iluminações das ruas, sem as prendas, sem os banquetes. Mas podemos e devemos utilizar tudo isso tendo no centro o mais importante: o Natal é o Nascimento de Jesus. O Natal é cristão. O Natal é Deus feito homem.

Que neste Natal todos nós possamos celebrar a graça que Deus nos concedeu com a vinda de Seu Filho, junto das nossas famílias e sabendo que, por tudo o que possamos viver exteriormente, é com o coração que realmente vivemos. Bem-haja!

Rogério Rodrigues

AGENDA DE DEZEMBRO DE 2018 DA DIOCESE DE VIANA DO CASTELO

Dia 2 – Domingo I do Advento – Início do Novo Ano Litúrgico (Ano C)

Dia 3 – S. Francisco Xavier, Presbítero, Padroeiro das Missões – MO

Dia 5 – S. Frutuoso, S. Martinho de Dume e S. Geraldo, Bispos de Braga – MO

Dia 6 – Encontro de Padres Novos – Seminário Diocesano

Dia 6 – Aniversário de Falecimento de D. Júlio Tavares Rebimbas, 1º Bispo de Viana do Castelo

Dia 7 – S. Ambrósio, Bispo e Doutor da Igreja – MO

Dia 8 – Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria, Padroeira Principal de Portugal – Solenidade

Dia 9 – Domingo II do Advento

Dia 13 – S. Luzia, Virgem e Mártir – MO

Dia 14 – S. João da Cruz, Presbítero e Doutor da Igreja – MO

Dia 16 – Domingo III do Advento

Dia 17 – 82º Aniversário natalício do Papa Francisco

Dia 23 – Domingo IV do Advento

Dia 25 – **Natal do Senhor** – Solenidade

Dia 26 – S. Estevão, Primeiro Mártir – Festa

Dia 27 – S. João, Apóstolo e Evangelista – Festa

Dia 28 – Santos Inocentes, Mártires – Festa

Dia 28 – Recolecção do Clero diocesano – Centro Pastoral Paulo VI, 10h

De dia 28/12 a 01/01 – Encontro Europeu de Jovens em Madrid

Dia 30 – Domingo dentro da Oitava do Natal – Sagrada Família de Jesus, Maria e José – Festa



Agência Funerária
ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

Confrades do Vinho Verde visitam Palácio da Brejoeira



Cerca de cinquenta Confrades do Vinho Verde, tiveram oportunidade de realizar uma demorada visita ao bellissimo Palácio da Brejoeira, no passado dia 17 de novembro.

O convite partiu do também Confrade Emílio Magalhães, Administrador do Palácio da Brejoeira que nos revelou que a referida visita, para além de mostrar a beleza do Palácio e dos seus jardins, pretendia também homenagear a senhora Dona Maria Hermínia Paes, Fundadora da Confraria dos Vinhos Verdes e também Grá-Mestre da Confraria dos Vinhos Verdes.

A recepção aos Confrades era feita pelo Confrade Emílio de Magalhães, aquando da sua chegada. O número previsto de Confrades convidados acabou por ser superior ao previsto, tendo-se realizado dois grupos de 25 cada, para a vi-

sita guiada, tanto ao Palácio como aos seus jardins, não esquecendo depois a vinha.

A construção do Palácio da Brejoeira teve o seu início em 1806, e ficou concluído em 1835, tendo levado 28 anos a construir, tendo sido mandado construir pelo Comendador Luís Pereira Velho de Moscoso, Morgado da Brejoeira e pai de Simão Pereira Velho de Moscoso.

Durante a existência do Palácio, o mesmo foi palco de inúmeras festas, conforme relatam jornais da época, para além de frequentarem também o mesmo altas figuras da Casa Real, da política, da igreja, da alta finança, assim como do comércio e indústria de Lisboa, Porto e Braga.

Ao longo da sua existência, o Palácio teve vários proprietários, sendo a Dona Maria Hermínia Paes a sexta proprietária. Com o seu dinamismo, iniciou nos anos

60 a construção de uma adega moderna, dando origem ao famoso Alvarinho "Palácio da Brejoeira". Este aparece no mercado em 1976, marca esta que veio dar um grande impulso e prestígio para esta casta, tanto a nível nacional como internacional.

A visita ao Palácio e aos jardins decorreu da melhor forma, não faltando rasgados elogios à beleza onde o mesmo se encontra localizado. Acabada esta, todos os confrades rumaram a Monção, onde teria lugar o almoço.

O almoço decorreu no restaurante Fonte da Vila, num espaço reservado especialmente para os Confrades. Registe-se o excelente serviço prestado, com umas ópti-

mas entradas, e como prato principal o excelente cordeiro à moda de Monção. A acompanhar toda a refeição o Alvarinho do Palácio da Brejoeira da última colheita, que acompanhou a refeição do princípio ao fim.

Foi entregue no momento pela Cúria Báquica (Direcção), através do Grão-Mestre, Mário Cerqueira Correia um diploma ao Confrade Emílio Magalhães, onde se assinalava o apreço que a Confraria dos Vinhos Verdes dedicava à sua anterior Grá-Mestre Dona Maria Hermínia Paes, pelo engrandecimento do vinho verde e da casta alvarinho.

O Administrador do Palácio da Brejoeira, Confrade Emílio Magalhães, agradeceu a presença de todos os Confrades, e depois do agradecimento da visita de todos os Confrades presentes, fez um brinde a Dona Hermínia Paes, por tudo aquilo que fez em prol do Palácio da Brejoeira, do vinho verde, da casta Alvarinho, rematando a sua breve intervenção, com um simples: Obrigado!

António Jorge Tavares
Jornalista
(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

NATAL 2018

*O Natal é das crianças
Natal é para festejar
O Natal é de Jesus
Que nasceu para nos salvar.*

*Que o Natal seja vivido
Na alma e no coração.
Cada um veja no outro
Um amigo, um irmão.*

*No Natal, dai amizade,
Uma palavra amiga, um sorriso.
Dando não ficais pobres
Tereis mais que o preciso.*

*Estrelas do firmamento
Iluminai nosso caminho.
Oh anjos do céu cantai
Já nasceu o Deus Menino.*

*Vamos viver o Natal
Com muito amor e fé
Adorar o Deus Menino
Filho de Maria e José!*

*Maria Alberta Domingues
Chaviães*

Desejo-lhes "desde já" um Feliz Natal e Próspero Ano Novo 2019...

Com muita e muita saúde para vocês... para todos os nossos colaboradores e leitores de "A Voz de Melgaco" Boas-Festas

Com um "forte abraço"
António Dias (Paris)

Joyeux Noël 2018



Terapia con Ozono
Generación de O₃ y métodos de aplicación

Cubetas CIQ

Ozonización papilar

Blanqueamientos

Colutorios, Toques con aceite

OZONO
La Odontología del Futuro
Incorpórese a la Odontología Biológica

Utilización del Ozono en Odontología

Beneficios y Ventajas

Saiba mais na
EstheticSmile
Tlf. +351251404002
808215415

No meio de tantas dificuldades... Apelando aos nossos amigos

Até Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República, que bem conhece o jornalismo e os meios de comunicação social, apelou para que o Estado cuide dos meios de comunicação social, pois sem eles, a democracia fica muito doente. Sem imprensa nacional, regional e local forte, não há democracia sólida e forte.

Se são já alguns dos grandes jornais a fechar portas, que esperar de um jornal de uma terra desertificada e sem oferta de publicidade consistente?

Temos consciência do papel desempenhado por um jornal local, sobretudo quando não há nenhum outro que, regularmente, chegue às casas das pessoas, em Melgaço, no país e no estrangeiro, levando notícias da própria terra natal ou de adopção, levantando problemas a serem resolvidos pelas diferentes autoridades; oferecendo informação de qualidade sobre outros aspectos constitutivos da verdadeira personalidade humana; intervindo construtivamente para que as pessoas, sobretudo as mais débeis e frágeis em todos os sentidos, possam ser ajudadas; sendo veículo de cultura e, no nosso caso, também e sobretudo de verdadeira evangelização, porque olhando para a realidade com a luz da fé, a única que, realmente, pode salvar o ser humano e garantir-lhe que trilhe os caminhos que lhe garantirão a felicidade, apesar das dificuldades e provações pelas quais todos temos de passar.

Os nossos amigos

Temos mantido esta rubrica para ir alertando os assinantes para o compromisso de pagar a assinatura do jornal, se possível adiantadamente, mas pelo menos não atrasando 2, 3 e mais anos, - como acontece com umas boas centenas, sobretudo os do continente - porque sem o pagamento atempado, é impossível satisfazer minimamente os compromissos com quem imprime o jornal, com as despesas de correio para a expedição do mesmo, com a gratificação, embora simbólica, a dois colaboradores, e com as

despesas de internete, telefone, assessoria fiscal, programa de contabilidade, etc. Já não falamos em rendas de casa, computador, etc, porque nos servimos do pessoal, e a casa é paga pela família, pois nela mora, cedendo espaço para a redacção do jornal.

A prenda de Natal que pedimos

O Luís Matias diz em texto próprio o que poderíamos fazer para de facto vivermos o Natal. Eu acrescento esta nota para todos os que são nossos prezados assinantes: - paguem a assinatura directamente. Podem fazê-lo muito facilmente por transferência multibanco: 0018 0000 28639224 00105. e se o nome da conta de quem transfere coincidir com o nome do assinante, nem é preciso mais nada. Se quem utiliza o multibanco tem nome diferente, é favor comunicar a que nome de assinante se refere a transferência. Podem fazê-lo também por email: jornal.voz-melgaco@gmail.com

Podem naturalmente enviar cheque ou vale postal, ou dirigir-se directamente à redacção em Braga, ou aos nossos colaboradores em Melgaço.

É fácil darem-nos esta prenda. E ela é muito apreciada, porque evita o trabalho de escrever pessoalmente a lembrar o débito, ou de ter de mandar à cobrança pelos CTT, com as inerentes despesas e porque nos facilita em muito a administração, cargo que também temos de assumir nós próprios, pois não dá para pagar a quem o faça.

Amigos que se distinguem

Diria que, entre os que se distinguem pelo seu empenho, estão todos aqueles que pagam a assinatura adiantadamente ou nos 3 primeiros meses do respectivo ano. Ainda maior realce merecem aqueles que o fazem enviando uma quantia maior que o custo da assinatura. Permitam que refira quem já pagou 2020 como

amigo, os drs. Manuel Inácio Rocha e Manuel Lopes Afonso, bem como um especialíssimo amigo que me pediu o anonimato, mas que escreveu assim: «Para pagamento da assinatura de 2019 e 2020, entrego 100€ (cem euros). É-me útil o jornal. Julgo que o será também para muitos. Parabéns!» . Acrescentarei apenas que se trata de um zeloso e culto sacerdote e que não é natural de Melgaço, pelo que creio que o seu testemunho é de veras elucidativo.

Mas apreciamos muito pequenos papéis como este que transcrevemos igualmente:

«**Novembro 2018**

Ex.mo Sr. Director

Com um pedido de desculpas pelo atraso, junto envio 60 € para pagamento da assinatura do vosso e 'nosso' jornal referente aos anos de 2017, 2018 e 2019.

Melhores cumprimentos». É de uma assinante a residir em Lisboa.

Estando no último mês do ano e em quadra de Natal, permitam que reforce o pedido para que todos os assinantes ainda em atraso ponham a assinatura em dia até final deste mês. Seria uma ótima prenda para todos, porque só se todos cumprirem com a sua parte, poderemos pensar em continuar a publicar o jornal.

A qualidade que o jornal atingiu e tem mantido deve encher de são orgulho todos os melgacenses.

E se cada um angariasse um novo assinante?

Seria outra prenda muito bela: que cada um dos assinantes se esforçasse por encontrar um conhecido ou vizinho que talvez gostasse de ser assinante. Basta que nos remetam o nome e respectiva direcção. Vamos a isso?

Um santo Natal, vivido com esta sadia inquietação de tudo fazer para ajudar o jornal a manter-se em publicação.

Vosso amigo

Padre Carlos Nuno Vaz

Um olhar melgacense sobre o mundo - II

Neste mês que finda o ano de 2018 gostaria de abordar dois temas nacionais e um tema internacional.



A nível nacional, nos últimos dias, fomos apanhados de surpresa com a derrocada de uma estrada entre Borba e Vila Viçosa que passa entre uma zona de pedreiras de mármore. Antes de mais, coloco duas questões: ao fim de tantos anos, ninguém sabia que aquilo poderia acontecer? E sabendo, quem falhou no seu dever de evitar tal acontecimento? Agora é normal que todo o mundo refira que já há muito que se previa, que todos sabiam, que havia relatórios disto e daquilo... Neste momento é tudo irrelevante. Porque as coisas deveriam ter sido feitas antes do desastre. Mas acho que já começa a ser "normal" ou típico deste nosso país que diz-se tudo e dá-se solução para tudo depois do mal estar feito. Antes é que não. Dá muito trabalho. Ou pode dar azar sei lá...

Continuando por este país à beira mar plantado, durante este mês de Novembro fomos vendo a greve permanente dos estivadores do porto de Setúbal. Bem, analisemos facto a facto: os trabalhadores queixam-se que são precários que devem ganhar mais e estar nos quadros. A empresa diz que está a oferecer lugares e os estivadores é que não estão a aceitar. O Governo parecia estar desinteressado e só ultimamente é que ultimou uma reunião entre as duas partes. O porto de Setúbal é o porto que abastece (tanto de entrada como de saída) a Auto Europa, a maior fábrica da zona e talvez do país. Uma empresa essencial e crucial para a economia nacional. E se a greve se mantiver, pois os trabalhadores tem esse direito, e a Auto Europa começar a para a produção? E se redistribuir a produção para outras fábricas noutros países? E se, resolvido este problema, aparecem outros semelhantes? Quem tem responsabilidade? Qual o papel do Estado nesta questão? Em que posição fica o nosso país a nível económico? Numa posição de "país grevista" ou pedinchão? Deixo as respostas para o leitor...

A nível internacional, existe um problema social grave na América do Norte e Central, com a questão dos emigrantes que atravessaram vários países para chegarem aos Estados Unidos e que estão barrados na fronteira entre o México e os Estados Unidos. Eles fogem da fome, da doença, dos problemas sociais. Querem uma oportunidade na terra de todas as oportunidades. E merecem ser ajudados. São homens, mulheres, crianças. Não são animais nem vegetais. São iguais a nós. Mas qual será a melhor forma de ajudá-los? Terão os Estados Unidos capacidade para acolher e ajudar toda esta gente? Não haverá outras formas igualmente satisfatórias? É que hoje são estes, amanhã mais outros milhares e uma semana depois os Estados Unidos passam de 360 milhões para 800 ou 900 milhões de habitantes. É um problema que toca a todos. A nós também. Qual a solução que propomos?

Bem-haja!

Rogério Rodrigues

VENDE - SE
QUINTINHA COM ± 7000m²

Monção
(a 4 kms da Vila - E.N. nº 304)

CASA DE MORADA (T4)
Casa das Garagens com
Eira e Canastro
Água corrente de mina
Corte de gado/alboio; e
Tanque em pedra.

BONS ACESSOS
Contacto: 93 222 69 69

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEM. 969 065 676

SERRALHARIA
MANUEL RODRIGUES



TUDO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

FLASHS DO CICLO

Balsonaro Presidente do Brasil, com a preciosa ajuda de Portugal

Efetivamente, os ataques vergonhosos que, jornalistas e políticos, usavam contra Balsonaro animou os brasileiros, para mostrarem que, quem manda no Brasil, são eles. Com efeito, durante a campanha para as eleições, a maioria dos jornalistas, obviamente de esquerda e os políticos que formam a geringonça do governo, fizeram tudo que achavam bem, para evitar que Balsonaro fosse eleito. Para o efeito, não reparavam a meios, utilizando nomes e adjectivos lamentáveis. Efetivamente, a forma como o atacavam consubstanciava passar um atestado de menoridade ao povo brasileiro. Deses ataques, merece reparo de repulsa, o deputado europeu, Francisco Assis. Com efeito, Assis, durante a campanha eleitoral, aproveitando o espaço que tem todas as semanas, num jornal diário, aproveitou para o dedicar aos ataques a Balsonaro. Dos insultos, saliento o artigo que escreveu, no dia seguinte aos resultados da primeira volta, pelo título, que era o seguinte: "O Brasil vai ter um canalha no Planalto." Saliento, porque o epíteto canalha, penso que assentava como uma luva, em Assis. Este deputado europeu chegou ao ponto de atacar a União Europeia, por não tomar partido nas eleições brasileiras, sempre pelo mesmo motivo, defesa da Democracia. Assim, não se cansavam de avisar os brasileiros de que, com Balsonaro, a democracia acabava. Porém os brasileiros, tinham outras visões. Para os brasileiros, havia dois destinos. De um lado, estava o partido da corrupção, do crime, da insegurança e da miséria. Do outro lado, a esperança de uma mudança, que

precisa ser dura, para acabar, com a situação em que o PT colocou o Brasil. Mas, não estranho o comportamento dos socialistas, visto o ADN referente a corrupção ser idêntico. Lula está preso e com ele estão cerca de cem entre ministros e empresários. Em Portugal, há um primeiro ministro, ministros e empresários, já condenados, há mais de cinco anos, mas não estão presos, porque assim o permitem as nossas leis. Assim, há dias, em Melgaço, um ex emigrante, vítima do Banco Espírito Santo, disse que, em Portugal, continua o Ali Babá e os 40 ladrões. Mas há muitos babás e muitos ladrões, difícil de contar. É curioso ouvir todos a condenar a corrupção, mas se os corruptos estiverem conotados de esquerda, o caso é diferente. O caso Lula é bem elucidativo. Com efeito, entrou Lula para o governo, mas saiu Polvo Graúdo. Mas, o Brasil ficou com a economia arruinada. Até a Empresa Petrobrás, base da economia brasileira que rendia centenas de milhões de lucro, por ano, ficou com dívidas de centenas de milhões. Assim, eu achava acertado que os portugueses, que tanto se interessaram contra Balsonaro, se interessem, com o mesmo frenesim, contra Maduro, da Venezuela, donde já fugiram à fome milhares, dos quais, muitos portugueses. Agora, é esperar Janeiro, para ver a posse de Balsonaro e ver como se vai comportar com Portugal, quer no convite, para a posse, quer no discurso de posse, visto a forma como foi tratado, incluindo, os comentários do Presidente da República. Efetivamente, estranhei e lamento a atitude do PR. Com

efeito, no dia seguinte ao dia da primeira volta das eleições, escreveu: "O mundo acordou em pânico com o choque." Ora, não houve choque, porque já era bem conhecido o resultado. Até havia quem pensava que ia ganhar a maioria, à primeira. Na segunda volta, fez pior. Com efeito, enviou as felicitações e, devia ficar, por essa tradição, institucional. Mas não. Optou por acrescentar um preâmbulo justificativo que consubstancia pedir desculpa aos partidos da geringonça e a todos os jornalistas que lutaram, contra Balsonaro. Efetivamente, dizer que enviara felicitações, porque não estavam em causa as pessoas, mas sim os Estados, não me parece isso bom argumento, porque quem manda nos Estados são os seus dirigentes. Sejam eleitos democraticamente ou não e, é óbvio que os estados são aquilo que os dirigentes querem. Assim, penso que o PR devia ser mais recatado, nas suas apreciações, pois deve saber que os poderes do Presidente do Brasil são diferente dos de Portugal. O Presidente do Brasil é também o presidente do governo. Cá em Portugal, não. Embora o actual, às vezes pareça. Porém, se fosse mais recatado, podia em situações de necessidade, servir de mediador, pois qualquer acordo, entre Portugal e Brasil, no Brasil é com Balsonaro, em Portugal é com António Costa. Lembro que a colónia brasileira que vive em Portugal deu dois terços dos votos a Balsonaro e um terço a todos os outros, quiçá, dados os insultos que receberam de muitos portugueses.

Arménio Melo

Lamas de Mouro já tem rede móvel MEO, NOS e Vodafone, estão 100% operacionais

Já se pode comunicar em Lamas de Mouro, Melgaço. A Altice confirmou que as três maiores operadoras de telecomunicações – MEO, NOS e VODAFONE, estão 100% operacionais. A notícia foi dada após o término das intervenções de colocação da antena neste local. A notícia foi recebida pelo autarca de Melgaço, mas também pela população e turistas, com enorme agrado: «É de facto, uma ótima notícia para todos, ver melhorada a cobertura de comunicações eletrónicas móveis no PNPG», considerou o autarca, Manoel Batista.



PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	■					■					
2		■								■	
3			■								■
4				■					■		
5					■						
6						■					
7	■	■	■							■	■
8							■				
9								■			
10				■					■		
11										■	

Horizontais: 1. Cântico em nome da trindade, enfiada; 2. Chefe etíope, acontecimento; 3. Atmosfera, molusco, motivo; 4. Oferecer, três vogais, doçura; 5. Afeição profunda, verniz da China; 6. Atormentar, branquear; 7. Poeira, Antes de Cristo; 8. Via aquática traçada e cavada pelo homem, apertar; 9. Bordo (planta), armadilha para apanhar pássaros; 10. Hábil, em campanha de, molestia; 11. Aparência, devastar, nota musical.

Verticais: 1. Flutuar, inseto Brasil, espécie de abelha; 2. Folhagem, ave de rapina; 3. Caminhar, relação, não; 4. Negação, extorquir arditosamente; 5. Parte dura e sólida que forma o arco-boço, lista, aqui; 6. Semelhante, astro; 7. Animal bravo e carnicero, oxido de cálcio, ruim; 8. Furor, dar de alugar; 9. Acolá, imensidão, numeral; 10. Fragmento, içar; 11. Descascar, raça.

SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras escrever em qualquer sentido a expressão:

"Deus ajuda quem trabalha, que é o capital que menos falha"

A	D	X	C	B	O	R	T	C	R
S	E	Z	X	M	E	F	G	A	F
Q	U	E	F	E	R	A	B	P	V
C	S	A	D	N	T	L	V	I	B
O	R	H	K	O	Y	H	C	T	N
Q	U	E	F	S	B	A	X	A	D
Z	X	C	B	N	M	F	H	L	M
A	H	L	A	B	A	R	T	O	E
T	Y	U	I	O	P	A	S	F	U
S	A	J	U	D	A	F	E	R	Q

CHARADAS

Combinadas

- ___ + MO = Cálculo aproximado
- ___ + TO = Covil
- ___ + MA = Feiticeiro
- ___ + LA = Colarinho

Conceito: **Parte do corpo humano**

Quadrado

■	■	■	■	■
■	■	■	■	■
■	■	■	■	■
■	■	■	■	■
■	■	■	■	■

- = Purificar
- = Mentira
- = Estar vago
- = Charrua
- = Pouco frequente

PROBLEMA

Nos tracejados indicar nomes de "Animais Selvagens"

- | | |
|-------------|-------------|
| ___ F _____ | ___ N _____ |
| ___ E _ | _ A _____ |
| ___ L _ | ___ T _____ |
| ___ I _ | ___ A _____ |
| _ Z _____ | ___ L _____ |

Colaboração: **Alcídio da Silva Figueiredo, Porto**

PROBLEMA Atazema - Aster - Camélia - Papoila - Azálea - Magnólia
Jacinto - Petúnia - Crisântemo - Lirio

CHARADAS Combinadas: ES + TO + MA + GO = ESTOMAGO
Quadrado: Lavar - Arara - Vacar - Arado - Raros

Q	R	E	F	A	D	J	U	D	A	S
U	F	A	S	F	U	I	O	P	A	S
E	O	E	R	A	B	A	R	T	O	E
M	L	M	F	H	L	M	Z	X	C	B
D	A	S	F	E	H	O	R	H	K	O
N	T	N	C	H	Y	H	C	T	N	O
B	I	V	L	V	I	B	C	S	A	D
V	P	V	A	B	P	V	Q	U	E	F
F	A	F	G	A	F	S	E	Z	X	M
R	T	C	R	A	D	X	C	B	O	R

11	A	R	T	A	L	A	R	E	R	E
10	B	O	M	C	O	M	B	O	M	L
9	A	C	E	R	S	R	E	L	A	
8	C	A	N	A	L	L	A	C	A	R
7	P	O	A	C						
6	R	A	L	A	R	C	O	R	A	R
5	A	M	O	R	L	L	A	C	A	
4	D	A	R	O	A	M	E	L		
3	A	R	O	S	T	R	A	P	E	
2	N	R	A	S	E	R	A	P		
1	H	I	N	O	F	I	L	A		

SOLUÇÕES

Ginkgo biloba – a árvore fóssil

A Ginkgo biloba ou árvore-averna, é uma árvore de origem chinesa, que de acordo com os cientistas, é como um fóssil vivo, pois essa planta pode viver até aos 4 mil anos. É no Sudeste da China o único local do mundo onde ainda existem exemplares em estado selvagem e onde se conhecem exemplares de dimensões extraordinariamente grandes. Em Portugal é plantada em jardins, parques e alguns arruamentos. Prefere situações com sol e solos bem regados e bem drenados, ligeiramente ácidos, podendo existir em situações tão diversas como margens de ribeiras ou encostas rochosas. De raízes profundas, costumam ser árvores bastante resistentes ao vento. Esta espécie é das mais antigas na Terra. São conhecidos fósseis, de partes de árvores deste género, com mais de 100 milhões de anos de idade.

É uma espécie que tem a capacidade de gerar rebentos a partir da base do tronco, conseguindo também produzir raízes aéreas em resposta a perturbações na copa, a partir das quais a planta pode dar origem a novas plantas. Estas estratégias justificam a resistência desta espécie, existindo exemplares que resistiram à bomba atómica de Hiroshima. É por esta razão que a Ginkgo biloba possui grande importância para os japoneses, sendo considerada um símbolo da resistência e da paz, pois quando houve ataques de bombas atómicas, na Segunda Guerra Mundial, foi a única planta que nasceu no-



vamente na área contaminada.

É uma planta muito utilizada pelas suas propriedades medicinais, nomeadamente no melhoria da função cognitiva e da memória.

As folhas dessa planta, possuem dois incríveis antioxidantes, os terpenoides e os flavonoides. Esses dois antioxidantes combatem os radicais livres do organismo e auxiliam a retardar o envelhecimento. É por isso, que a planta é muito procurada quando se trata de melhorar a circulação sanguínea. Atualmente, estudos científicos comprovam a ação do extrato das folhas de ginkgo, para a melhoria da memória e para a circulação sanguínea, evitando a coagulação e combatendo os radicais livres presentes no sangue, aumentando a resistência do corpo contra diversas doenças. Os ácidos ginkgólicos e o ginol, presentes nos frutos, inibem o crescimento de bactérias e fungos,

prevenindo infeções. Na forma de infusão, é utilizado no combate a problemas respiratórios, tais como asma, bronquite, rouquidão, tosse, renite crónica e tuberculose; perda de memória, gonorreia, úlceras estomacais, doenças de pele e ansiedade. Aplicado localmente na forma de emplastos, age contra furúnculos.

O ginkgo é uma árvore de folha caduca e porte elegante que pode alcançar até 30 ou 40 m de altura. São árvores de folha caducas. Atingem uma altura de 20 a 35 metros e alguns exemplares, na China, chegam a atingir os 50 metros). Foram, durante muito tempo, consideradas extintas no meio natural, mas, posteriormente verificou-se existirem em duas pequenas zonas da República Popular da China. As sementes usavam-se na China como expectorantes, vermífugo, sedativo e para tratar doenças de pele.

Teresa Tábuas

A Felicidade

Todos desejamos muitas felicidades, sobretudo agora nos votos de Natal.

Afinal, que entender por «felicidade»?

Segundo o psicólogo Iñiqui Guerrero e de acordo com os dados da psicologia científica, há 9 pontos que nos ajudam a balizar o que entender por felicidade e o que fazer e como agir para a alcançar e manter.

1. Estado interior de paz, alegria serena, desejo de ajudar os outros...
2. O dinheiro não dá felicidade.
3. Os prazeres não produzem felicidade.
4. Por habituação, os prazeres deixam de ser agradáveis ou exigem que se aumente continuamente as doses para conseguir atingir o mesmo efeito, deixando sempre uma sensação de vazio.
5. O hedonismo, a procura da felicidade nos prazeres, pode levar à devassidão.
6. Os valores e as capacidades pessoais (forças de carácter e virtudes), que se atingem com esforço, aumentam o grau de felicidade.
7. A felicidade não é o oposto do sofrimento e do esforço. Pelo contrário, estes elementos são indispensáveis para a alcançar.
8. O altruísmo, o doar-se aos outros, é a fonte mais importante da felicidade.
9. Quanto menos procurarmos a felicidade para nós, e mais a procurarmos para os outros, mais a teremos.»

A esta luz, ofereça neste Natal presentes realmente de qualidade, aqueles que ajudam a tornar felizes os outros e a nós próprios.

Não se deixe embotar e iludir pelas ofertas de felicidade na aquisição de bens materiais e pelo gozo incontrolado das diversões. Pense a sério nos outros e torne-se presente junto dos que mais precisam, com a sua ajuda e sobretudo com o seu carinho, o seu abraço.

Santo e Feliz Natal.

Carlos Nuno



**Peso
Paderne
Melgaço**

Alojamento e Restauração



Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.



- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com



TOURS & ATIVIDADES



**Canoagem
Rapel
Slide
Canyoning
Kart Cross
Arvorismo
Escalada**



Camping de Lamas

GPS: 42.036032 - 8.194294

geral@montesdelaboreiro.pt • (+351) 251 466 041

Presépio ao vivo é novidade nas atividades de Natal deste ano

O espírito de Natal começou na tarde de 1 de dezembro com a inauguração da iluminação de Natal em várias ruas da vila.

Este ano, a grande novidade é o presépio ao vivo. Nos dias 14 e 21 de dezembro, serão retratadas as cenas bíblicas que se referem ao anúncio e nascimento do Menino Jesus.



Muitas atividades estão previstas até 6 de janeiro que prometem fazer as delícias dos melgacenses e de turistas, tais como: Passeios de Charrete, Exposições ecológicas sobre a quadra, Concertos de Natal, animação para os mais pequenos, a Gala de Natal no Centro de Estágios, a Queima do Ano Velho em Castro Laboreiro e a Festa de Passagem de Ano.

A Rua Dr. António Durães vai ser palco de um Mercadinho de Natal, nos dias 21 e 22, onde se poderão encontrar iguarias da

época e diversos produtos locais. O horário de funcionamento será das 10 às 24 horas.

As compras no comércio local de valor igual ou superior a 25€ dão prémios. É um ação que acontece no âmbito da campanha "Compre no Comércio Local" que o município divulga com o

propósito de potenciar a dinamização económica. Afirmo o Presidente Manoel Batista: "Hoje encontramos o nosso concelho uma enorme multiplicidade de bens, muitos deles produzidos pelos melgacenses, símbolo da nossa identidade e marca de melgaço. Melgaço tem produtos únicos, de

qualidade. Neste Natal, compre em Melgaço. Valorizem Melgaço!

Os comerciantes, empresas, instituições e moradores são ainda convidados a fazer parte desta quadra muito especial através do Concurso de Decoração de Natal. É uma ação que tem como intuito reavivar os valores tradicionais

do Natal e estimular o Comércio Local, na Vila através da decoração de ruas e estabelecimentos com a simbologia do Natal. Serão premiadas as mais belas e criativas decorações natalícias.

As inscrições para participar neste concurso decorrem até 8 de dezembro.

**Clínica
OSTEO+**



...onde a Osteopatia vale mais!!!



**MELGAÇO: Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 Melgaço • Tel. 251 401 078
www.osteomais.com • clinicaosteomais@gmail.com**

Consultas de **OSTEOPATIA**
Dra. Cátia Rocha Afonso

Consultas de **ORTOPEDIA**
Dr. José Ratola Teixeira

Consultas de **PSICOLOGIA**
Dra. Vanesa Alvarez

**FISIOTERAPIA • TERAPIA DA FALA • REABILITAÇÃO PSICOMOTORA
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE • WORKSHOPS**

MONÇÃO: Rua da Breia, 393 • 4950-284 Mazedo • E-mail: osteomais@gmail.com • Tlm. 969 195 272



Livro "Melgacenses na I Grande Guerra (e outras guerras do século XX)"

Domingo, dia 11 de Novembro de 2018, assinalou-se um século sobre a assinatura do Armistício que pôs fim à Primeira Grande Guerra, um conflito onde combateram dezenas de melgacenses e onde alguns deles tombaram em combate.

Da investigação de Joaquim A. Rocha e Valter Alves, nascerá, muito em breve, um livro onde os autores pretendem perpetuar a memória destes valentes combatentes filhos desta nossa terra. No prefácio desta obra, pode ler-se: "Foi há pouco mais de 100 anos que os primeiros soldados do contingente que Portugal enviou para combater em França na I Guerra Mundial chegaram à Flandres. Em África, já combatiam os alemães desde 1914.

Com base nos dados de que dispomos, de Melgaço, partiram para a Flandres, 73 homens, oriundos das diversas freguesias. Estes homens foram autenticamente "roubados" às suas vidas e obrigados a ir para uma guerra para a qual não estavam preparados. Paderne, com 14 homens, Penso, com 12 homens e Vila, com 14 homens são as freguesias melgacenses que mais contribuíram em termos de número de efetivos. Estes homens da nossa terra, feitos soldados, tinham todos à data do embarque, idades entre 22 e 27 anos completos (nascidos entre 1891 e 1895), à exceção dos oficiais que eram um pouco mais velhos.

Assim, entre Janeiro e Novembro de 1917, partiram estes homens do Cais de Alcântara, rumo ao porto de Brest (França) numa viagem de navio de vários dias. Daí seguiram de comboio até à zona sul da Flandres francesa perto de Armentières, nos vales dos rios Lys e Aire.

Depois de uma curta estadia em Brest, porto de desembarque das tropas portuguesas, seguia-se o transporte, de comboio, até à região de "Aire", zona destinada às tropas do Corpo Expedicionário Português.

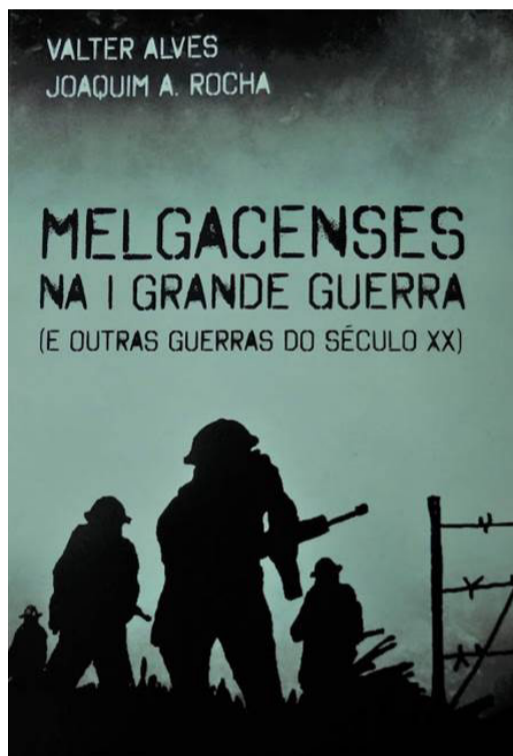
E foi num clima agreste, de neve, chuva e frio, língua e cos-

tumes tão diferentes dos seus, que estes homens da nossa terra e as tropas portuguesas tiveram de suportar mais de um mês de treino complementar, junto do exército britânico, para se poderem "familiarizar" com as armas inglesas com que iam combater e com as novas formas da guerra que iam conhecer de perto.

Na frente europeia, dos 73 homens naturais de Melgaço que partiram, 10 morreram caídos em combate ou devido a outras causas como doenças.

O primeiro melgacense a morrer em combate foi o soldado António Alberto Dias, natural do lugar da Verdilha (Paderne) que faleceu a 9 de Outubro de 1917 na Flandres (França).

Quatro dos caídos em combate, faleceram durante a Batalha de La Lys (9 de Abril de 1918). Foram eles os soldados José Cerqueira Afonso, de Paços (Melgaço); José Narciso Pinto, de Chaviães; João José Pires, de Paços e o segundo sargento António José da Cunha, natural da freguesia da Santa Maria da Porta (Vila de Melgaço). O último pertencia ao 6.º Grupo de Baterias de Metralhadoras e os três primeiros eram soldados que pertenciam à 4ª Brigada de Infantaria do CEP, Regimento de Infantaria n.º 3 (Viana do Castelo). Esta era conhecida como a Brigada do Minho, a que pertenciam a grande maioria dos soldados melgacenses, e já tinha conquistado uma reputação de bravura na frente de batalha muito antes de lhe ser confiada, em Fevereiro de 1918, a defesa do sector de Fauquissart, em Laventie, na Flandres francesa, perto da fronteira com a Bélgica, onde ainda se encontrava nesse fatídi-



co dia 9 de Abril de 1918, quando foi dizimada pelos alemães na dita batalha de La Lys.

Os soldados da Brigada do Minho tinham passado a noite de 8 para 9 de Abril a arrumar armamento, munições e outros equipamentos e seus pertences. Iam ser rendidos por batalhões ingleses no dia 9 e hoje em dia acredita-se que os alemães sabiam disso. Sabiam também que a infantaria portuguesa não estava preparada para aquela guerra e que tinham sido treinados à pressa numa falácia vendida pelo regime republicano que apelidaram de "Milagre de Tancos". Os soldados de Melgaço e de outras regiões eram lavradores, pedreiros e de outros ofícios. Muitos deles nunca tinham saído da sua terra. A grande maioria nem sabia ler e escrever. Um soldado não se faz num par de meses. Esta batalha foi, por essas e outras razões, um dos maiores desastres de toda a História Militar portuguesa. No dia seguinte, chegara a hora de contabilizar as baixas: 398 mortos (369 praças e 29 oficiais) e uma esmagadora maioria de prisioneiros (6585, dos quais 6315 eram praças e 270 oficiais). Na 4ª Brigada de Infantaria, à qual

Dois Aniversariantes

Em 25 de Novembro, o nosso estimado, apreciado e querido colaborador desde as terras irmãs do Brasil, o Manuel Félix Igrejas, completou a bonita idade de 90 anos.



Em 8 de Dezembro é o vizinho de infância, há muito a residir em Lisboa, que comemora os 84 anos.

A ambos, especiais amigos do jornal, os nossos parabéns e os votos de que continuem a presentear-nos com a sua amizade durante uns bons anos, querendo Deus.



pertenciam maioria dos melgacenses, as baixas situam-se em cerca de 60% entre mortos, feridos e prisioneiros. No Regimento de Infantaria 3 (Viana do Castelo), as baixas cifram-se em 570, de um total de 700 homens que estavam em posição naquela noite. Deste total de baixas, houve registos de 91 mortos (4 de Melgaço), 155 feridos, 7 desaparecidos e 317 soldados feitos prisioneiros. Deste total de prisioneiros de guerra, nove soldados eram melgacenses. Inicialmente, estes homens foram dados como "desaparecidos em combate" e esse facto foi comunicado às famílias. Vários meses mais tarde, após o fim da guerra, em Novembro de 1918, a Comissão dos Prisioneiros de Guerra, comunicou que estes homens se encontravam em campos de prisioneiros na Alemanha, pondo fim a meses de sofrimento dos soldados e das suas famílias que os julgavam mortos. Na realidade, estes melgacenses foram todos capturados durante a Batalha e levados para campos de prisioneiros na Alemanha. Eram eles os soldados Mário Afonso, de Santa Maria da Porta; António Fernandes, de

Penso; Abílio Alves de Araújo, da Gave; Avelino Fernandes, de Alvaredo; António José Rodrigues, de Paderne; Inocêncio Augusto Carpinteiro, de S. Paio; Justino Pereira, de Cubalhão; António dos Reis, da Rua Direita (Santa Maria da Porta) e António Pires, de Rouças, tendo ficado dispersos por vários campos de prisioneiros na Alemanha.

Depois de La Lys, o C.E.P. não mais participou em operações militares relevantes ficando na dependência dos ingleses e relegado para tarefas secundárias.

Os que tombaram, repousam para sempre no Cemitério Militar Português de Richebourg l'Avoué (França). Os que regressaram, muitos deles voltaram com os traumas próprios de um conflito que a humanidade nunca tinha conhecido ou com os problemas de saúde que os acompanharam durante o resto das suas vidas.

Por tudo isto, estes homens foram heróis e merecem a nossa homenagem. Para que nunca sejam esquecidos!"

*Valter Alves
(Blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra")*

O Natal através dos tempos

História – Símbolos – Significado

Curiosamente sendo o Natal uma festividade de cariz religioso cristão, pois comemora o nascimento da Menino Jesus em Belém, mais ou menos pela mesma data, finais de Dezembro, já se festejava uma comemoração na Mesopotâmia (cerca de dois mil anos antes de Cristo), chamada de Zagmuk para celebrar a mudança do ano. O deus Marduk era o homenageado e a ele se implorava a ordem e a prosperidade, levando-lhe oferendas e realizando um sacrifício humano.

Absorvida a tradição pelos Gregos e destes passando aos Romanos, festejava-se a 17 de Dezembro, em honra de Saturno, pelo que, se chamava de Saturnália e era coincidente com o solstício de inverno. O dia 25 de Dezembro é considerado o mais curto dia do ano, então, é a partir daí que o Sol nascerá com mais esplendor e força, trazendo abundância nas colheitas e promessas de vida melhor.

Tendo o Cristianismo se expandido pelo Império Romano, de religião perseguida, passou a religião autorizada pelo édito de Milão de 313, e, posteriormente, a religião do Estado.

É no século IV que o Papa Julius I lhe fixa definitivamente a data, 25 de Dezembro, substituindo os rituais pagãos por uma festa religiosa cristã e é instituída oficialmente, no calendário religioso, pelo Papa Libério no ano de 354.

A história do nascimento de Jesus é por demais conhecida, mas nem por isso deixa de nos enternecer ao recordá-la. É por excelência a festa da Família, do Amor, da Paz, da Fraternidade, da Humildade, da Solidariedade e da Alegria, com base no exemplo que nos é dada pela Família de Nazaré e pelo nascimento humilde de Jesus, numa simples, desconfortável e pobre gruta em Belém.

Os Reis Magos, vindos do longínquo Oriente, só chegaram com os seus presentes no dia 7 de Janeiro e, para a Igreja Ortodoxa é este o verdadeiro dia festivo, ainda hoje.

A troca de presentes, tão usual nesta quadra natalícia, tem relação directa com o que aconteceu na gruta onde Jesus nasceu. Não foram só os Reis Magos a trazer-Lhe ouro, incenso e mir-

ra; os simples pastores levaram as suas oferendas, num acto de solidariedade, amor e alegria. Por isso o Natal nos aparece com todos estes atributos e valores (ou, pelo menos, devia aparecer!!!)

O Presépio é o símbolo mais característico e faz a alegria da criança, normalmente responsabilizada por essa tarefa. Não posso deixar de lembrar a alegria dos meus tempos de menina, na recolha do musgo, no armar da gruta, na colocação de todos os elementos miniaturais que reproduziam a cena de Belém, tal como ela existia no meu imaginário...

A ornamentação da Árvore de Natal que hoje tão brilhantemente e em despique se faz, julga-se ter tido início na Alemanha, no séc. XVI, no tempo de Martinho Lutero. Foi-se expandindo para outros países e hoje, quase todo o Mundo arma, nas casas ou nas ruas, as suas árvores de Natal, com luzes e brilhos, símbolos de Alegria e Esperança. Sem nada de religioso, não passa de um elemento decorativo, por sinal bonito.

O Pai Natal é ainda mais recente, proveniente dos países nórdicos, envergava um aconchegante fato castanho, levava os presentes num carro puxado por renas e lá ia de casa em casa distribuindo presentes às crianças bem comportadas.

A figura actual, vestida de vermelho e branco surgiu em 1881, através duma campanha publicitária da Coca Cola (imagine-se!!!), por isso tem as cores desse produto e o sucesso foi tão estrondoso que dura até hoje e deu a volta ao Globo!!!

Realmente, o nosso mundo moderno, rapidamente perde as características antigas, assimila e adopta novas formas comportamentais e, assim, vai ao sabor do mais vistoso, do mais interessante, do mais cómodo, do mais atraente, adquirindo novas práticas, sem mesmo pensar se isso faz algum sentido.

O significado do Natal que deveria ser elevado, sentido, vivenciado, passou a ser um produto de marketing, de compras desenfreadas e compulsivas de correrias e mortes nas estradas, perdendo aos poucos a espiritualidade que lhe devia estar subjacente.

São sinais dos novos tempos, das publicidades agressivas,



dos inconformismos da vida, da exigência dos modernismos, do egoísmo total, do atropelo aos valores verdadeiros e únicos.

Não quero terminar sem deixar expresso que nem para todos é assim (o pecado da generalização eu não quero ter!). Só que não são as excepções que melhor se vêem e o que os nossos olhos mais captam são os comportamentos dos natais dos excessos, dos natais sem amor e sem altruísmo, enfim, dos natais sem Menino Jesus...

O Mundo, que se tornou esta grande aldeia global, está a atravessar uma fase de profunda mudança; reste-nos a esperança de pensar que mude para melhor.

Maria Ivone
Dezembro 2018

GAZETILHA

Cheira a Natal sim senhor!...

Está um frio de rachar!...

O nevoeiro infiltra-se na visão!...

O vento traz música no rodopio das folhas!...

A chuva molha e obriga a saltitar entre os buracos da calçada!...

É tão bom ter um abrigo!

Aquela dor nos ossos é tramada!

A tosse e rouquidão fazem-se sentir!

O corpo está cansado e desprotegido!

A palavra amiga adoça o coração!

Ano após ano não esquecemos o bulfício de uma casa cheia e o cheiro de uma cozinha que prepara a ceia de Natal!...

Passo o tempo que passar vive dentro de mim o Amor por todos os meus!...

Continuo a ver o doce sorriso da Mãe. A sentir o respeito afectuoso do Pai. A imaginar as traquinices partilhadas com as irmãs!...

Inacreditável a saudade que invade o coração e a alma e nos torna tão pequeninos e humildes!...

Nem sei como é possível ter passado tantas décadas!...

A Festa maior é o Natal por excelência!

Como poderia esquecer o Manuel Eduardo, o Tomás, a Rita, a Mónica?!... A Leninha é o meu tesouro, a minha alegria, razão de ser da minha existência! São todos filhos amados!

Nesta época de Paz, Amor e Concórdia, o Bem maior é a União de parentes e amigos!

Um ano depois agradeço ao Dr. Carlos e ao Dr. Júlio o trato e modinhos com que sou acolhido. Sou grato para quem, através de valores e princípios, enobrece meu dia a dia!

Dou valor e prezo o apego cristão que de forma tão espontânea me acompanha!

A magia do Natal está no ar!...

Não podemos esquecer esta pobreza envergonhada que nos rodeia!...

Mas podemos enriquecer o Natal de cada dando abraços a quem é de abraços e beijos a quem é de beijos!...

Aperto a tua mão e desejo o melhor para todos.

Que o Menino Jesus toque o coração dos homens e os abençoe com seu Amor.

Álvaro Carvalho

“Palavra dada Palavra honrada”!...

O Portugal que sinto, precisa de gente nova na condução dos seus destinos. Precisa de gente nova que não se envergonhe de vestir as cores da Pátria que lhes é berço. Precisa de gente nova criada com valores e princípios de quem lhes deu o ser.

O Portugal que vejo, não pode ter medo de uma cambada de hipócritas que se instalou no poder e acha que tem o “rei na barriga”. Não pode deixar-se embalar pela “canção do bandido” que pensa que todo o mundo é seu quando se apanha com o poder da decisão. Não pode dormir à sombra da palavra apreçoada só para “inglês ver”!...

O Portugal que amo, é constituído por um povo digno e tra-

balhador que sabe ocupar o seu lugar. É constituído por um povo glorioso e valente que honra seus antepassados. É constituído por um povo que não tem medo e sabe ir à luta.

O Portugal que sonho, sabe fazer pontes entre o que é novo e velho. Sabe fazer pontes entre o que realmente interessa e o supérfluo que tolda e empobrece a herança deixada pelos nossos. Sabe fazer pontes que não oprimam os mais fracos e não os deixem à deriva sem rumo nem esperança.

O Portugal que encontro, tem muito para dar às novas gerações e não pode privar estas do que é seu por direito. Gerações que não podem esvaziar o quinhão que pertence aos mais antigos e

cuja sabedoria e arte é um dado adquirido. Gerações que têm o direito de escolher os seus caminhos em liberdade.

O meu Portugal é o teu Portugal!

Um Portugal solidário capaz de dar sem receber!

Mas o nosso Portugal não pode ser o Portugal de meia dúzia de oportunistas que suga a nossa hospitalidade!

Este Portugal à beira mar plantado merece que “palavra dada seja palavra honrada”!

Oh Português de Terras Lusas, não guardes para amanhã o que podes fazer Hoje!

Que Portugal possa sempre dizer que todos os dias são Natal.

Helena Matos

AMI: 9383



Apartamento em ótimo estado composto de cozinha e sala, 2 WC, 3 quartos e garagem fechada. Próximo do centro da Vila e junto a espaços culturais, centro de transportes e Intermarché.

Vila e Roussas, Melgaço

(100.000€) MLG.2018.026



Empreendimento na Vila de Castro Laboreiro composto por arrecadação, loja, 4 moradias V2, 3 moradias V3 e 2 apartamentos T2. Excelente para exploração como complexo turístico.

Castro Laboreiro, Melgaço

(Sob Consulta) MLG.2018.025



Excelente terreno de construção, com cerca de 1.100m2 em local tranquilo. Possui bons acessos, boa exposição solar e excelentes vistas.

Prado e Remoães, Melgaço

(37.000€) MLG.2018.016



Morada composta por rés do chão e 1 piso, totalmente mobilada e equipada em local tranquilo com boas vistas. Bons acessos e boa localização.

Cristóval, Melgaço

(80.000€) MLG.2018.011



Morada em excelente estado, com compartimentos amplos de tipologia V4, mobilada e equipada, jardim, garagem fechada com capacidade para dois carros, e rossios. Local sossegado com boas vistas e boa exposição solar.

S. Paio, Melgaço

(Sob Consulta) MLG.2018.024



Quinta com cerca de 3,5Ha com vinha Alvarinho, constituída por casa, armazém de alfaias e seus respetivos equipamentos para a produção e manutenção da vinha. Possui também terreno com 2000m2 com uma nascente de água que fornece toda a quinta. Está equipada com um sistema de rega à distância.

Vila e Roussas, Melgaço

(Sob Consulta) M2016/027



Casa de morada V3, em pedra, totalmente recuperada. É composta por dois andares, com divisões amplas dispostas ao longo de 167m2. Área descoberta: 500m2. Possibilidade de venda, em conjunto, de dois terrenos para cultivo com cerca de 2.000m2.

Penso, Melgaço

(Sob Consulta) MLG.2018.010



Apartamento composto por cozinha, sala de estar, três quartos e dois wc, situado na Rua Sra. da Orada, com frentes viradas para nascente e poente. Dispõe de áreas espaçosas, arrumos e lavandaria.

Vila e Roussas, Melgaço

(75.000€) M2015/049



UKUBO
Condomínio
DECO+



Rua Dr. António Durães, nº65 R/C Dto, 4960-522 Melgaço | telf: +351 251 418 322
Rua D. Afonso Henriques, Ed. Domus Residence, R/C Lj 2, 4950-854 Monção | telf: +351 251 031 908
info@ukubo.com | www.ukubo.com

PIZZARIA

T. 251 403 058



Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA



LIBERTA-TE



sloggi
ZERO FEEL

VENHA VISITAR-NOS NA LOJA **BORDÁLIA**
RUA CONSELHEIRO JOÃO DA CUNHA, 114 EM MONÇÃO

JANTARES DE NATAL É NO MONTE PRADO MINHO!

Chegou a altura do ano em que se multiplicam os encontros, convívios e jantares de Natal.

A época Natalícia é fantástica para reunir todos, mas acaba por exigir que o menu seja diversificado e que agrade a todos os elementos.

A pensar nisso o Monte Prado Minho tem menus para todos e o difícil é escolher (Buffet de entradas, principais e sobremesas ou uma sugestão do chefe com um ou dois pratos principais e para as crianças temos um menu infantil) Para fazer a marcação do seu jantar basta enviar o pedido para o e-mail reservas@hotelmonteprado.pt e teremos todo o gosto em lhe proporcionar o melhor jantar de natal de sempre.



MONTE PRADO
MINHO

Ainda vai oferecer prendas de Natal? Aí vai uma sugestão!...



Luís Matias no Forum da UASP em Fátima, 24/11/18 vendo-se também o Padre Armindo Janeiro a apresentar o Bipo Emérito de Santarém, D. Manuel Pelino

O Natal está aí. Não quero agora reflectir sobre a história, o sentido e a prática deste acontecimento, que sendo Cristo na essência, foi colocado em cima de uma festa pagã e, no mundo moderno, quase que se tornou pagão outra vez. É uma monumental festa de anos: celebra-se o nascimento de Cristo. Mas de facto, muita gente retirou já Cristo da festa... e é lícito perguntar então, o que festejam?

Mas se mesmo assim ainda se associa esta quadra do Natal à humildade, solidariedade, e se os corações e as mentes ficam mais sensíveis aos outros, talvez seja por aí que tenhamos de recomençar a colocar outra vez no centro da festa o "Menino Jesus".

Se apesar da crise e da miséria que por aí começa a grassar, ainda vai comprar prendas de Natal, porque não fazê-lo de forma **útil, Pedagógica e solidária**? Então aí vai uma sugestão que pode aproximar mais as pessoas, independentemente daquilo que festejam, mas que, certamente, haverá de colocar um sorriso mais visível nos lábios **Daquele** que festejamos na realidade.

1º Avise todos aqueles a quem costuma, ou pensa, dar prenda, de que este ano vai transformar a sua prenda num presente diferente.

2º Envolve a família próxima, sobretudo os filhos, e de forma especial os mais pequenos (ainda a viver em casa), e peça-lhe que identifiquem uma família com dificuldades (de entre os seus colegas de escola, uma família vizinha, um indigente... enfim eles o saberão).

3º Identifiquem (directa ou indirectamente) as necessidades mais básicas dessa família, no momento. Nem que seja o atraso da prestação da casa, ou o pagamento da propina, ou das facturas da luz em atraso, roupa, comida...

4º Quantifique quanto iria gastar em prendas neste Natal (não entregue o dinheiro, vá comprar o que a família necessita, até esse valor, ou vá com ela pagar a luz..., melhor, envolva os filhos directamente nesse ato, e vão visitar a família, conviver com ela. Porque não levar um lanche e lanchar com eles na sua própria casa (seja em que condições forem, desde que aceitem)? Assim também eles próprios colaboram, sentindo-se a acolher, com aquilo que têm. A isto chama-se partilha.

5º Descrevam e coloquem num cartão, numa carta, num desenho, num pequeno álbum fotográfico, no suporte que quiserem, a história toda: Como se desenrolou o processo da busca da família, o que sentiram, o que viram sentir aos outros, o que aprenderam com este gesto. E digam que eles, os potenciais receptores das possíveis prendas, colaboraram nisso activamente, e por isso, a prenda que vão receber é esta partilha, a história da sua dádiva (de privação) através deste gesto solidário. Replique este material por tantas prendas, quantas ia oferecer, ponha dentro de uma caixinha, embrulhe num lindo papel com um lacinho e ofereça.

É inovador, não? E quanto vai fazer de bem aos seus filhos? Sentirem que estão a dar o que é seu (e dos outros), mas a partilhar de facto... quer melhor lição?

E os seus amigos que receberem uma prenda destas, acha que não vão ficar completamente surpreendidos, gratos, motivados?

É que a alternativa pode ser gastar dinheiro para nada, apenas para cumprir calendário, sem sentido, sem utilidade, sem pedagogia que não seja a do egoísmo e da farsa (sim, porque já vemos crianças a chorar com o que lhe dão, porque acham que o que deram ao irmão é melhor!!!)

Fica a sugestão, espero que agrade e que a partilhe.

Luís Matias

(Escrito fora do último acordo ortográfico)

Somos quase todos iguais ao rato que cancelou o Natal

Este mês, o Director sugeriu um tema: como viver e sentir o Natal. Lembrei-me de ir ao motor de busca *Google* para saber quais são as imagens mais postadas sobre o Natal; sim, porque uma imagem vale mais que mil palavras. Não é à toa que se diz que a *Google* sabe mais sobre cada um de nós do que nós próprios...

Para minha surpresa, aparecem renas, surgem árvores iluminadas, piscam bolinhas reluzentes, brilha papel para embrulhar presentes, ornamentam-se pinhas, o Pai Natal leva um saco às costas, pululam anúncios de perfumes e bebidas espirituosas, mostram-se mesas sumptuosas repletas de iguarias e abrem-se avenidas úberes de luzes de muitas cores. Piscam luzes. Piscam as montras. Piscam as árvores e até as igrejas.

Há muitas notícias de Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia a juntar os idosos dos lares do concelho para a festa e a distribuir prendas e guloseimas pelas crianças dos Jardins de Infância e Escolas do 1.º ciclo.

Mas o Natal é também aquela altura em que as pessoas se vestem de boas pessoas e pedem coisas a uma pessoa que não existe – o Pai Natal. Que andamos a tomar?

Apetece perguntar: porque é que o menino Jesus não desce pelas chaminés? Será que temos de vestir de vermelho vivo e sedutor? Por que não percorre os corredores dos centros comerciais com um saco às costas?

Imaginemos, por um instante, ouvir as crianças gritar por Ele como chamam pelo Pai Natal nas catedrais de consumo. As centenas de cartas que Te escrevem a pedir presentes: cura a minha mãe, dá forças ao meu pai, dá-me vontade de amar, ajuda-me a ser feliz.

Mas é só imaginação, porque o homem transformou o 25 de Dezembro um natal virado para o umbigo que gira à volta da tecnocracia e da economia e mesmo as pessoas juntas em família, estão, muitas vezes, à volta apenas delas mesmas.

O Natal dos cristãos está a assemelhar-se a S. José, aquele que não conta, que não é importante, que não faz falta.

S. José assemelha-se também às mensagens de Natal, pouco lidas ou pouco recebidas, ou não sei. Palavras que se soltam e não se prendem. É curioso o fenómeno de mandar mensagens e multiplicamos as mesmas mensagens sem nos preocuparmos com a originalidade delas. E depois recebemos mensagens assinadas com outro nome que não o da pessoa que no



-la enviou, porque esta se esqueceu de, ao menos, apagar essa assinatura. Ou acabamos por receber uma série de mensagens iguais.

Obrigamo-nos a escrever e receber mensagens, largando palavras sem as sentirmos e dão muito a ganhar às telecomunicações.

Os nossos bispos multiplicam as mensagens, escritas e enviadas sem a obrigação das mensagens de telemóvel ou de twitter. São sentidas e brotam do espírito de Natal e não são apenas para se fazerem presentes ou para constar.

E dou comigo a pensar fora dos cânones. Fora, porque para muitos, cada vez mais, o Natal é só uma data. Gente que se senta no sofá, com uma rabanada que a amiga lhe deu, à espera que a televisão dê a meia noite para ir dormir. Há muita gente no sofá, numa sala vazia, sem ninguém com quem partilhar sons, ruídos, algazaras, afazeres, talheres, prendas. Essas pessoas não têm mais ninguém. Não têm o amigo ou a amiga colorida porque estes estão com a família. Não tem o filho ou a filha porque este ano pertence ao outro pai. Não tem os amigos, porque nem sempre há amigos para estas ocasiões do Natal. São as pessoas cuja idade não deixa que essa noite seja de Natal: os filhos estão longe ou o marido ou a esposa já morreram. O lar da Paróquia também está fechado. Passam o Natal com a televisão.

Cada vez mais, esta quadra define muito dos Natais modernos. Fazem parte de uma estranha forma de vida que nos dá tudo, mas tira grande parte do carinho ou da presença. É principalmente para estes seres humanos que o Menino nasceu para eles. Para outra maioria, nasce o Pai (natal)

Pode ser a época de maior dor, porque são abandonados, estão doentes ou sem forças, se recordam de forma cicatrizante que a vida está a passar depressa e lá vai

mais um (Natal).

Vem-me agora à memória uma história batida para que este seja o primeiro dia do resto da nossa vida: é escrita por Madeleine Cook, intitulada "O rato que cancelou o Natal"

Vamos a ela: depois de um incidente traumático com uma bola da árvore de Natal quando era pequenino, para o Rato, o Natal só significa uma coisa... Perigo, muito perigo, porque quase ficava paraplégico para toda a vida!

Depois desse atropelamento por uma bola, o rato sofre diários pesadelos de inseguranças e medos, desde as agulhas afiadas dos pinheiros ao açúcar em pó que faz espirrar, passando pelas canções que falam em fogueiras. De facto, era mais fácil para todos cancelar o Natal. Simplesmente, mas os restantes animais não concordaram com a proposta do Rato.

E continuamos – crianças, jovens, adultos e idosos – sem responder à pergunta: porque existe Natal?

O Natal existe porque Deus veio até nós porque nos ama, nos quer ensinar muitas coisas boas para nós. Ou para nos mostrar como se deve viver? E como é? Dando-nos aos outros a cada dia. Se não queremos ser muito exigentes, melhoro a frase: dando de nós um pouco, todos os dias.

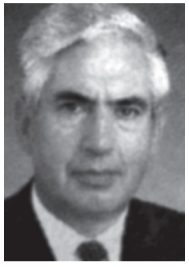
Só dessa forma acabaremos com o pavor do rato que há em cada um de nós.

Será que os membros da floresta Humana são capazes de salvar o Natal das diatribes do Rato antes que seja tarde demais?

Para isso, têm de colocar o Menino no centro de nós e retirar o Pai (natal) da chaminé. Atiramolo pela janela? Não. É uma figura simpática mas pode ser como S. José: está lá, mas não é cabeça de cartaz.

Costa Guimarães

Como quem se confessa... A minha Geringonça



Longe de mim querer impressionar "quem quer que seja", como agora se diz na linguagem futebolística. Esta

é a história de uma vida difícil, real - a minha - e de como positivamente se vive com ela. Os motivos porque o escrevo são óbvios e ao diante se verá porquê.

Em 1974, depois de anos e anos de dores horríveis, atenuadas à base de comprimidos, (como numa certa noite de Carnaval na Corunha) fui operado ao estômago. Na verdade, a situação verificara-se após o rebentamento da úlcera gástrica logo a seguir ao dia dos meus anos. Recordo-me que nessa noite, o "camarada" Vasco Gonçalves fazia em Almada o seu célebre discurso suicida. Eu fizera trinta e quatro anos dois dias antes, festejados em Melgaço, de onde, como se sabe, sou natural. Chegado a Valença com um peso muito grande no estômago com que andava já havia dois dias, (nem me apetecia fumar) senti, de repente, mal entrei em minha casa em Valença, o mundo rodopiar, rodopiar, tendo em seguida rebentado alguma coisa dentro de mim, após o que se seguiu um grande alívio. Minha mulher, aflita, chamou o médico, que não foi o Dr. Matos Lima, mas um médico que o substituíra e que me levou no seu próprio carro para o Porto (Casa de Saúde da Boavista). Pensava-se que tinha apenas uma úlcera gástrica. Afinal (soube-se mais tarde) eram duas úlceras - uma gástrica e uma duodenal. Mas havia mais. Além destas, havia pedras na vesícula (38 cálculos!) - uma autêntica pedreira, no dizer do médico operador!, que só se descobriu durante a operação. Como explicar esta súbita "revelação", tanto mais que pouco tempo antes fora radiografado no Porto pelo Professor Albano Ramos, que não era um qualquer? Muito simples. Quanto às úlceras, a duodenal estava na segunda curvatura, de modo que na radiografia apenas aparecia a úlcera gástrica. E a pedra também não aparecia porque ... era transparente aos raios X. Fui, sem dúvida, um caso de excepção e o médico que me operou, Dr. Queirós Faria - e operava já há mais de 30 anos - nunca lhe tinha sucedido coisa semelhante; sabia apenas, pelos livros, que se lhe aparecesse um caso como

o meu, operaria de determinada maneira. Resultado: foram-me retirados 2/3 do estômago e fui objecto de uma comunicação em Congresso designado apenas pela letra A! De resto, continuei a fazer uma vida normal. Comia bem, bebida moderadamente. "Major - dizia-me, anos mais tarde um colega Presidente de Câmara durante um almoço - se o Senhor come assim só com um terço do estômago, o que não seria com ele completo..." Durante muito tempo não fiz qualquer exame, o que certa vez indignou um Coronel - médico que passou por Valença em final de Curso de Altos Comandos, quando lhe contei durante o almoço o meu caso e lhe confessei que havia muito não fazia exames ("não pense que a doença findou com a operação!") mas, algum tempo depois, em 1990, na véspera de entrar para o SPOS, (Curso de Promoção a Oficial Superior) em Caxias, durante os exames feitos no Centro Clínico das janelas Verdes, tudo estava óptimo.

* * *

Rodaram os anos. Até que em meados de 2010, estando em recolhimento na igreja da antiga Colegiada de Santo Estêvão, perdi os sentidos, isto depois de dias antes, umas análises revelarem grande anemia, facto para que fui alertado pelo responsável pelo Laboratório. Em face disso, o médico que me assistiu (fora mesmo, segundo ele, um milagre de Santo Estêvão...) ordenou o meu internamento, de urgência, numa Casa de Saúde para exames. Veio-se então a descobrir que na cicatriz da operação feita em 1974 tinha-se formado um tumor (maligno) com 4 centímetros de diâmetro. De resto, parece ser que passados vinte anos sobre a operação tal facto (aparecimento de tumor na cicatriz da operação) costuma acontecer. No meu caso, apareceu ao fim de quase quarenta, o que é quase uma heroicidade. Portanto, havia que "ir à faca" e por isso transitei, de imediato, para o Hospital de S. João onde fiz exames complementares e fui operado, em Dezembro daquele ano, sendo-me extraído o resto do estômago, facto que me causou uma angústia muito grande, como se, de repente, me visse espoliado de alguma coisa que para mim, embora diminuta, era vital, mas teve que ser. "Depois disto, dizia-me um médico, se calhar para compensar o meu grande desgosto, vai ficar muito mais elegante..."

A operação, demorada (oito horas) correu lindamente. Mas fazendo, cerca de um ano depois, uma biópsia, confirmou-se que eu tinha um linfoma indolente (Linfoma Não-Hodgkin) ou, em linguagem corrente, um linfoma de "baixo grau", o que me conferiu as características de um sobrevivente, no dizer do médico operador. Os linfomas surgem em todas as idades e sexos, cada vez em gente mais nova, embora seja mais frequente em homens e idosos. "Desconhece-se a causa do Linfoma Não-Hodgkin, "não há nada que se pudesse ter feito para impedir o seu aparecimento". Já na operação, aliás, me haviam tirado cerca de 50 gânglios, mas nada mais fora possível. Passei, por isso, a ser tratado no Hospital de Dia por uma excelente médica que me submeteu a seis sessões de quimioterapia, que correram muito bem, embora com o inconveniente de tirar-me todo o cabelo, o que impressionou algumas pessoas, e, para além disso, abriu caminho, para uma cardiopatia cujo tratamento está ao cuidado de uma jovem Professora daquele Hospital. De modo que, para fazer justiça ao título, tenho presentemente uma "geringonça" com tratamentos adequados por excelentes médicos, que cuidam de mim com muito carinho e zelo e que visito regularmente. Posso dizer que tudo corre muito bem. Sinto-me acompanhado e amparado, o que é uma vantagem sobre pessoas que, aparentemente, estão bem, mas que de repente podem ser surpreendidas por uma situação irremediável. Quem me vê, aparte a minha magreza, não diz que sou uma pessoa doente, embora eu assuma as minhas complicações. Se me perguntam como vou de saúde digo que menos mal; a que tenho vai dando para os gastos... Como praticamente de tudo, bebo (comedidamente) algumas vezes e gozo de uma excelente boa-disposição própria do meu feitio optimista, de pessoa que tem fé e encara por isso a vida pelo lado positivo com um sorriso nos lábios. Tenho uma função social de utilidade (Presidente do Conselho Fiscal da Misericórdia, "favor" que devo ao Senhor Pinto Neves...), colaboro regularmente em algumas publicações, escrevo livros, e dou explicações a dois netos: o Alberto Magno, 12º ano, de Português, (o terceiro neto à bica para entrar no Ensino Superior) e o Mateus (8º ano) todas as disciplinas, excepção Matemática... Sobra-me ainda

tempo para ler alguns livros que vão saindo (muito escolhidos, porque os preços dos livros estão hoje pela hora da morte...) ou que aguardavam há muito oportunidade para serem lidos, como, por exemplo, *Os Subterrâneos da Liberdade*, de Jorge Amado, em três volumes, (que em Nambuungongo me haviam furtado, como conto em outra crónica), *Deserto*, de J.M.G. Le Clezio, aliás com uma bela tradução de Fernanda Botelho) ou que ficaram a meio como *As Vinhas da Ira* de John Steinbeck, e *Por Quem os Sinos Dobram*, de Ernest Hemingway, numa tradução de Monteiro Lobato, revista por Alfredo Margarido); reler ainda outros que muito me marcaram na minha formação e é interessante rever. Vejo, além disso, Televisão, pratico Charadismo e faço, por vezes, paciências com as cartas... Claro que sei que isto

não dura sempre. Os anos, embora estranhamente me não pesem, (não tenho tempo para pensar neles) avançam inexoravelmente. O tempo, como diz o meu Amigo Doutor Damião Cunha, corre para todos. Mas é excelente, entretanto, olhar o mundo, o jardim com suas rosas de que tanto gosto, vivas, vermelhas e cheirosas, ou os seus gladiolos multicores, pela Páscoa, bem como as azálias vermelhas e brancas, com que se atapeta a entrada da Cruz e do reverendo pároco em nossa casa, a verdura dos arbustos crescidos e bem cuidados, conversar com os amigos, e sentirmo-nos parte desse mundo maravilhoso. E sentirmos, sobretudo, que nos sobeja ainda tempo e disposição para uma palavra de esperança para gente que, muitas vezes com melhor saúde, se sente porventura menos afortunada do que nós...

Alberto Pereira de Castro

Nós não temos fé; a fé é que nos tem

1. Quem não falha uma romaria, mas falta sempre à eucaristia, terá fé? Quem venera as imagens de Nossa senhora e dos Santos, mas sem parar diante do sacrário, terá fé?
2. O problema reside precisamente aqui, em «ter»fé. É que na fé não se trata de «ter», mas de «ser tido». Quem «tem fé propende a fazer a sua vontade, mesmo em relação a Deus. Já quem «é tido» pela fé procura dar prioridade à vontade de Deus. (cf. Mt 6, 10)
3. É a diferença entre uma qualquer promessa e participar na Eucaristia. No primeiro caso, estamos diante de uma decisão pessoal. No segundo, encontramos-nos perante a resposta a uma proposta: «Fazei isto em memória de mim» (1 Cor 11, 23).
4. Os sentimentos religiosos de cada um merecem, sem dúvida, o maior respeito. Mas fé é outra coisa: é fazer, não necessariamente o que nos apraz, mas o que Deus - em Cristo, pela Sua Igreja - nos indica.
5. A fé não é possessiva, mas oblativa. Assim sendo, não somos nós que temos a fé; a fé é que nos tem, a nós.
6. Não é o homem que se impõe a Deus: é Deus que Se propõe a nós. Até Roger Garaudy percebeu que «a fé está em nós, mas não é de nós». É por isso que, na fé, não existe «autarquia», mas uma «autonomia teónoma».
7. A iniciativa não nos cabe a nós; quem toma a iniciativa é Deus. (cf. Ap 3, 20) Neste sentido, a fé consiste em viver «ad Deum» (para Deus), «secundum Deum» (segundo Deus e «in Deo» (em Deus).
8. A Igreja é fundamental para a fé. Aliás, é o que nossos lábios afirmam. No Credo, proclamamos que «cremos em Deus» e professamos que «cremos em Igreja».
9. O latim estabelece uma distinção que nos ajuda a compreender o que estamos a dizer. Enquanto deus é precedido de «in» («Credo in Deum», a Igreja aparece logo a seguir a «Credo» (Credo ecclesiam. Isto significa que «cremos em Deus 'dentro' da Igreja».
10. Duas palavras bíblicas ilustram a solidez da fé: «emunah» e «ámen». Com a primeira, expressamos firmeza e lealdade. Com a segunda, sinalizamos adesão e disponibilidade. Jesus é o grande «ámen» do Pai, «a testemunha fiel e verdadeira» (cf Ap 3, 14). que, em Jesus, vivamos sempre para Deus.

João António Pinheiro Teixeira - Teólogo

Que bela cooperação pastoral pode oferecer um excepcional sacristão!

Hoje quero falar de um homem que me acompanha há 23 anos como sacristão da Igreja de Nossa Senhora-a-Branca, em Braga, de que sou o Reitor há 38 anos.

Em boa hora o padre António Macedo, então pároco de Nogueiró e Tenões, me aconselhou a falar com o Benjamim para substituir o Domingos Ribeiro, que tinha falecido uns tempos antes. Traçou dele uma imagem de pessoa dedicada, muito competente e zelosa pela Igreja.

O Benjamim Sousa Ferreira, assim se chama, correspondeu inteiramente e superou tudo quanto o bom colega sacerdote me tinha dito sobre ele. Tendo o curso de Contabilidade e Administração feito na Escola Secundária Alberto Sampaio, pôs a render as aprendizagens feitas e constituiu, desde cedo, um forte suporte no decorrer das obras que iam sendo feitas na Igreja, pois se encarregava de guardar tudo quanto eram plantas, facturas, recibos, devoluções de IVA, anotação de ofertas de benfeitores e passagem de recibos para os mesmos, e toda a outra documentação, primeiro em estreita colaboração com o incansável colaborador, Serafim Ribeiro e, após a morte deste, assumindo em pleno as funções a ele confiadas pela Mesa da Irmandade.

Uma preocupação acrescida com a segurança da Igreja surgiu,

primeiro com o furto de uma imagem de São Bento e, tempos depois, de uma da Senhora do Bom Despacho, no curto espaço de tempo entre o final da eucaristia das 19 horas e o fechar da Igreja. Imagem que felizmente pudemos recuperar no dia seguinte, quando o ladrão se aprestava a fazer negócio com uma antiquária da Rua do Forno, que entretanto tinha sido avisada por um comum amigo a quem o ladrão tentara, antes, vendê-la e que este reconheceu como sendo da Senhora-a-Branca. E em questões de cuidado com a segurança das instalações da Igreja e anexos não há quem seja mais exímio em tudo tentar verificar se está ou não no devido lugar e com os devidos cuidados de segurança.

Não temos necessidade de lhe dizer que leituras são as próprias do dia, quais as orações, qual o melhor prefácio, qual a oração eucarística mais apropriada, porque, além de conhecer bem as normas da Introdução Geral ao Missal Romano, sabe muito bem ler e documentar-se com as indicações do «Directório Litúrgico». Apenas um apontamento que diz bem do seu interesse. Na missa vespertina da Festa de Cristo Rei, poucos minutos depois de ter saído do Hospital, onde tinha sido sujeito a uma intervenção cirúrgica na quarta-feira anterior, não foi para casa sem antes passar pela Igreja

para ver se estava tudo em ordem. Entre outras coisas, queria garantir que uma das intenções de missa em sufrágio de um jovem universitário da Universidade do Minho, falecido na queda de um muro, era celebrada, pois os pais, residentes em Ribeira de Pena, fazem questão de mandar celebrar no último sábado de cada mês e de nela participarem. Já antes, ainda no hospital, tinha ele extraído do computador as indicações da equipa de liturgia para a celebração dominical, dando ainda indicações a quem o ficava a substituir de que era aconselhável colocar o Círio Pascal em lugar de destaque e tocar a campainha na entoação do «Glória a Deus nas alturas».

Aproveitou as oportunidades para se familiarizar com a utilização do computador, para fazer

o 12º ano, para frequentar cursos de preparação para a função de sacristão e membro responsável e vivo de uma comunidade cristã, manifestando uma cultura superior à média e até a pessoas com cursos superiores. Sabe dar razões da sua fé e não tem vergonha de, publicamente, tentar clarificar tantos mal-entendidos que povoam as mentes de muitos cristãos. Frequenta o Grupo Bíblico que há anos se reúne na Igreja da Senhora-a-Branca. Sabe e esmera-se em que as missas mais festivas das grandes solenidades do ano litúrgico sejam celebradas com toda a dignidade, com as respectivas procissões de entrada e saída, com cruz processional, lanternas, turíbulo e Evangeliário. Esmera-se na celebração do Mês de Maio e na procissão de velas do

dia 12. Vive a Igreja com o carinho e a entrega que só um grande amor pelo que faz ajuda a entender que nunca tenha esmorecido.

Não admira, por tudo isto, que os párocos actuais de São Vítor, o anterior, Monsenhor Joaquim Morais da Costa, o Doutor Sousa Fernandes, o padre Júlio Vaz, bem como os frequentadores habituais da Senhora-a-Branca se tenham vivamente interessado pelo bom êxito da intervenção cirúrgica e rejubilado pela maneira célere como as coisas se resolveram a contento.

Esta singela reflexão quer exprimir quanto me sinto grato pelo que ele é e pelo que faz para todos podermos dar maior glória de Deus e sermos construtores de paz e fáris de esperança.

Carlos Nuno





**MELGAÇO,
À DESCOBERTA DO NATAL**

* Neste Natal *

compre no comércio local

- PRESÉPIO VIVO •
- NATAL ECOLÓGICO •
- CONCERTOS DE NATAL •
- A COR DO NATAL •
- CONTOS CONTIGO •
- PASSEIOS DE CHARRETE •
- PÓNEIS •
- ANIMAÇÃO INFANTIL •

- DESCIDA DO PAI NATAL - RAFTING •
- CONCURSO DE DECORAÇÃO DE NATAL •
- PASSAGEM DE ANO MAIS A NORTE •
- QUEIMA DO ANO VELHO •
- TÔMBOLA DE NATAL •

Programação em
www.cm-melgaco.pt






O melhor da Croácia, Eslovénia e Bósnia (2)

Na capital croata

Visita panorâmica de Zagreb

À hora combinada, sou o despertador. Esfreguei os olhos, estremunhado. A noite passara rápido, cansadamente breve. Mas urgia levantar: esperava-nos um longo dia.

A viagem correrá bem. O dia amanhecera promissoramente quente. Era domingo. Como a saída do Sá Carneiro era de tarde, fora possível participar tranquilamente na Eucaristia, solenemente celebrada em honra da Mãe do Céu, e almoçar em família.

No aeroporto, aonde a disponibilidade amiga do Adriano nos levava, vencidas as habituais formalidades, esperava-nos um avião da *Brussels Airlines*, que nos levaria até Bruxelas, cidade de conexão. Apesar de uma receosa aparência de respeitável vetustez, o experiente passarão lá nos levou em segurança pelos ares e até com inesperada energia, a ponto de recuperar do atraso de cerca de meia hora com que partira. Em Bruxelas, feito o habitual «transfer», foi um minúsculo aparelho da *Croatia Airlines* que em nós pegou e nos levou até à capital croata, aonde chegámos com mais de meia hora de atraso sobre a hora prevista. Mas chegámos bem, graças a Deus!

À nossa espera, uma carrinha de nove lugares apresentou-se para nos transportar ao local de descanso – o *Hotel International*, na Rua Miramarska.

Feito o estatuído *check in*, dirigimo-nos ao destinado quarto, onde, arrumada a bagagem, nos aguardava um «jantar frio» (tipo umas sandes...) e, sobretudo, uma ampla mas demasiado mole cama por que ansiava mais do que por pão para a boca. Já passava da meia noite. Grato e confiado a Deus, entreguei-me ao descanso. Que foi curto...

Por isso me souo estranho o despertador. Mas não! Eram mes-

mo horas de levantar. De levantar e andar ligeiro, para descer com as malas, proceder ao *check out*, tomar o pequeno almoço e dirigir-me ao autocarro que nos levaria até ao centro da cidade.

Na Cidade Alta

O anunciado passeio, durante a manhã deste nosso primeiro dia na Croácia, vai-nos proporcionar uma visão panorâmica da capital croata, nomeadamente a sua parte mais histórica, comumente conhecida como a *Cidade Alta*.

Situada 120 metros acima do nível do mar e com uma população de cerca de um milhão de habitantes (os *zagrebinos*), *Zagreb* pode, com efeito, considerar-se dividida em duas partes: a *Cidade Alta* e a *Cidade Baixa*. Esta é a parte mais moderna, de que daremos breve nota na parte final desta crónica; aquela, mais antiga, mais histórica, monumentalmente mais rica, é formada por dois bairros: o *Gradec* e o *Kaptol*.

Nosso ponto de partida é a *Praça Ban Jelacic*, a principal praça da capital croata.

Situada na *Cidade Alta*, a sul do mercado *Dolac*, na intersecção das ruas *Ilica*, a oeste, *Radiceva*, a noroeste, *Jurisceva*, a leste, e *Gajeva* e *Praska*, a sul, ela é o centro da zona pedonal de Zagreb. Deve o seu nome ao general do Império austríaco *Josip Jelacic* (1801-1859), grande lutador contra os invasores húngaros e destemido defensor da abolição da escravatura na Croácia. Foi por isso considerado herói nacional.

Existente desde o século XVII, então com o nome de *Harmica*, passou, em 1848, a chamar-se *Praça Ban Jelacic*, em homenagem àquele herói. Homenagem consolidada em 1866, sete anos após a sua morte, com a colocação, bem no centro da praça, duma estátua em que o herói aparece montado num cavalo e empunhando uma espada. Da autoria do escultor,



Ban Jelacic



Catedral de Zagreb



Palácio do Arcebispo



Mercado Dolac

também austríaco, *Anton Dominik Fernkon*, a estátua estava, então, voltada a norte, atenta aos movimentos dos invasores húngaros. Em 1947, porém, o governo comunista da II República Jugoslava, acusando *Jelacic* de ter estado ao serviço de interesses estrangeiros, retirou dali a estátua e rebaptizou

o espaço de *Praça da República*. E somente em 1990, com a Croácia já independente, o nome da praça foi recuperado e a estátua do «patrono» regressou ao seu lugar, desta feita, porém, virada a sul.

Saindo, então, da *Praça Ban Jelacic*, vamos em direcção à *Catedral de Zagreb* ou *Catedral da*

Assunção da Sagrada Virgem Maria, também dedicada ao rei húngaro *Santo Estêvão*, segundo patrono da Croácia.

A sua construção original data de 1094, mas a Catedral que hoje vemos e admiramos é o resultado de uma série de destruições e reconstruções ocorridas ao longo do tempo, a mais significativa das quais levada a cabo após o terramoto de 1880 (em que desabaram a nave central e a torre do sino) e concluída em 1901. Daí resultou a sua actual configuração, em estilo neogótico.

Considerado o edifício mais alto da capital croata, capaz de albergar cerca de 5000 pessoas, chamam particularmente a atenção as suas duas imponentes torres gêmeas, de 105 metros de altura, da autoria do arquitecto alemão *Herman Bollé*, visíveis de qualquer ponto da cidade.

No seu interior, além de um tesouro de inestimável valor, constituído por grande quantidade de objectos vindos desde o século XI, repousam os restos mortais de vários mártires e heróis da história croata. Mais recentemente, a eles se juntou o corpo do Cardeal



Músico com seu violão



Museu de Arte Naif



Marija Juric Zagorka

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

Aloysius Stepinac (1898-1960), Arcebispo de Zagreb de 1937 a 1960, prematuramente morto em resultado dos agravos do regime comunista e que foi declarado mártir e beatificado pelo Papa S. João Paulo II, em 1998.

A rodear a catedral, como que protegendo-a, o enorme Palácio do Arcebispo. Do lado esquerdo, poderão ainda ver-se pedras e colunas antigas desgastadas pelo tempo e esta interessante curiosidade histórica: um **relógio da catedral** que, no terremoto de 1880, parou, marcando **7 horas, 3 minutos e 3 segundos**.

Na praça em frente ao palácio e à Catedral, levanta-se uma linda e elegante **escultura da Virgem Maria** cercada por quatro anjos, de 1850 e ainda do artista vienense *Anton Dominik Fernkon*.

Seguindo por uma rua perpendicular à Catedral, vamos desembocar numa grande praça rectangular, cheia de cores e de cheiros, vindos dos frutos secos, dos legumes e das verduras, da carne e do peixe ali expostos diariamente, excepto aos domingos: é o **Mercado Dolac**, o mais famoso dos mercados de rua,

poluíram as águas, que, no final do século XIX, se teve de proceder ao seu desvio e ao aterro do leito. O nome que hoje ostenta, recebeu-o em 1913: é uma homenagem a *Ivan The Baptist Tkalčić* (1840-1905), um estudioso que dedicou a vida à história de Zagreb.

A rua foi, nos primeiros tempos, a zona de prostituição da cidade, passado ainda hoje recordado por uma escultura que mostra uma debochada prostituta à janela, observando o movimento dos boémios, hoje mais sofisticados. Só na segunda metade do século XX, ela foi completamente requalificada: hoje, no lugar dos bordéis, estão acolhedores bares e requintados restaurantes, que fazem as delícias dos visitantes não apressados.

No extremo desta rua, um gigante ovo pintado chama a nossa atenção para um estabelecimento especial: é a bem sucedida *Galeria Mirko Virius*, com **arte naif** croata – a **Croatian Naive Art**.

Nesta mesma rua, atrás das cadeiras de um dos muitos bares ali existentes, uma estátua em bronze mostrando uma mulher com trajas antigos e de sombrinha na mão es-

A primeira, relacionada com a **Torre de Lotrščak**. **Erguida ao lado do Strossmayer Promenade (um agradável parque com barraquinhas de apetecível comida), é um ótimo local para, de cima, se ver a cidade de Zagreb. Antigamente, havia ali um sino que anunciava o fecho dos portões da cidade; hoje, dizem, todos os dias, ao meio-dia, um ritual tiro de canhão ecoa da torre, assustando pombos e turistas desprevenidos: lembra a vitória croata sobre os turcos que tentavam invadir a cidade e teriam sido vencidos com um tiro de canhão disparado exactamente àquela hora.**

A segunda tem a ver com a **gravata**, que frequentemente chama a nossa atenção, exposta na frente dos estabelecimentos. **Sabia que a gravata tem origem na Croácia e o seu nome é uma decorrência do adjectivo «croata»? Pois é verdade!** A gravata nasceu na Croácia e a sua origem é uma história de amor, coragem e esperança. **E foi assim.**

Durante a Guerra dos 30 anos (1618-1648), soldados da cavala-

romano, a maior gravata do mundo, segundo o Guinness: com 808 metros de comprimento e 25 metros de largura.

E desde 2008, a 18 de Outubro, é oficialmente celebrado na Croácia o "Dia da Gravata". De modo particular, em Zagreb, recordando esses tempos e história, todos os sábados, domingos e feriados, desde a segunda-feira de Páscoa até ao mês de Outubro, realiza-se a cerimónia do render da guarda do regimento *Royal Cravattes*.

Uma terceira curiosidade tem como referente um singular museu: o museu das relações falhadas - **Museum of Broken Relationships**.

Foi o ex-casal *Olinka Vistica e Drazen Grubisic* que teve a original ideia de dedicar um museu às relações falhadas e aos corações partidos. Um museu constituído por objectos ilustrativos da relação mal sucedida que simbolizam e são contributo de gente anónima de todo o mundo, gente que quer partilhar a sua história de amor frustrado (namoros, casamentos, amizades e mesmo relacionamentos familiares que não deram certo). Histórias interessantes, que vão do

escultura com o sugestivo nome de **O Bem da Vida** (obra do artista croata *Ivan Mestrovic*, de 1905) e realçam a imponência do **Teatro Nacional da Croácia**, belo monumento em estilo neobarroco que foi inaugurado em 1895 pelo imperador austro-húngaro **Franz Joseph**, está a cargo do **Ministério da Cultura** e abriga a Ópera e o Balé.

Do outro lado da rua, em surpreendente contraste de estilos arquitectónicos, um deslumbrante edifício moderno, todo espelhado e com uma grande cúpula colorida: é a **Academia de Música!**

Do mesmo lado desta Academia, mas um pouco à frente, está o **Museu de Artes e Artesanato**. Dizem-no lindo e propício a um aconchegante descanso, no seu acolhedor Café Restaurante.

Mais adiante, eis o **Mimara!** Um dos mais importantes museus de Zagreb, de estilo neorrenascentista, construído em 1895 e apetrechado com peças idas de todo o mundo. Quem tiver tempo, dizem que vale a pena visitar.

Continuando, apressados, pelo lado oposto ao Mimara, em direcção à rua *J. Zejavica*, impõe-se



Igreja de São Marcos



Gravata



Às compras

que constituem assumida tradição em Zagreb. Em plano mais elevado, subindo uma escadinha, uma linda **estátua de um músico com o seu violão** preside a uma feira de flores que também diariamente acontece, enriquecendo de odor e colorido o animado mercado. Mercado que funciona durante o dia como uma grande feira que reúne não só o povo croata, mas também muitos turistas. À noite, toda aquela área fica deserta.

Do mercado de flores, descendo uma bem íngreme rua perpendicular à Catedral, com vários degraus e renomados restaurantes – a *Rua Skalinka* –, vamos chegar à *Rua Tkalčiceva*, a rua mais badalada da cidade. Reservada a peões, está bem guarnecida de bares, de um e outro lado, para refrescar a garganta e hidratar o corpo dos muitos visitantes que, dia e noite, no verão, a enchem, pelo menos até à uma da manhã.

Por essa rua corria, no passado, um ribeiro que dividia a cidade em *Kaptol* (em direcção à Catedral) e *Gradec* (a partir daí). Ao longo das suas margens, durante muito tempo, rodaram moinhos e funcionaram fábricas (de papel, couro, roupas, bebidas). De tal modo, porém,

pevita a nossa curiosidade: quem é esta personagem? É **Marija Jurić Zagorka**, a **primeira mulher croata jornalista**, escritora de famosos romances e grande defensora dos direitos da mulher. Na sua casa, ali perto, na praça do Mercado Dolac, funciona um Centro de Estudos da Mulher.

Um dos imperdíveis cartões postais de Zagreb, ainda na Cidade Alta, é a **Igreja de São Marcos**, na praça do mesmo nome – a *Praça Markov*.

Construída pela primeira vez em 1256, aquela singular igreja sofreu várias alterações ao longo dos séculos. O chamativo aspecto actual data de 1882: com um telhado feito de telhas coloridas e esmaltadas formando figuras geométricas e dois brasões de armas medievais: o da *Croácia*, *Dalmácia* e *Eslovénia*, à esquerda, e o da *cidade de Zagreb*, à direita.

Considerada o coração do poder croata, nesta praça podemos ainda ver, dum lado da igreja, o **Sabor** – o *parlamento croata* –, do outro, o **Banski Dvori** – no passado, o *Palácio do Vice-rei*, hoje, a *sede da Presidência da República*.

Três curiosidades notáveis, ligadas, ainda, à Cidade Alta.

ria croata foram incorporados ao exército da então França imperial, onde se destacaram pelo seu valor, mas também pelo modo particular como levavam, atado ao pescoço com um nó, um lenço vermelho que depois descia pelo tronco. Contam que estes lenços eram dados pelas esposas ou namoradas como prova de amor e desejo de boa sorte na guerra. Mas tinham também uma prevenida utilidade prática: eles serviam para fazer torniquetes para estancar o sangue, em caso de ferimentos.

Este acessório causou tal impacto que o próprio rei passou a incorporá-lo nas suas vestes reais. Mas atraiu também a atenção dos franceses, que o adoptaram nos seus trajas e passaram a nomeá-lo de acordo com a palavra «croata» em francês – *cravatte*.

Os franceses deram à peça um toque mais elegante e refinado, e na corte de Luís XIV transformou-se num símbolo de distinção e estética masculina. E, nomeada de modo similar nos diversos idiomas, o seu uso foi-se estendendo a todo o mundo.

Em 18 de Outubro de 2003, na cidade marítima de Pula, foi colocada, à volta do antigo anfiteatro

humor leve ao drama mais pesado. Algumas relatam mesmo casos de relações afectadas pela guerra da independência. Este museu assentou arraias em Zagreb, na *Rua Cirilometodska*, em 2010, e tornou-se a coqueluche dos passeios turísticos pela cidade. E crê-se tenha já poupado considerável dinheiro em terapias, quer a «artistas» quer a visitantes.

Breve e apressada passagem pela Cidade Baixa

À *Cidade Baixa*, mais moderna, pode aceder-se através de uma rua perpendicular à Praça Ban Jelacic, que leva à *Praça Petar Preradovic*. Reservada a peões, é também conhecida como *praça das flores*, em que é famosa e que constituem relevante motivo de atracção, a par dos cafés e restaurantes que ali proliferam. De salientar, ainda, a estátua do general e poeta croata ali celebrado e a linda igreja ortodoxa, construída em 1866.

Prosseguindo, chega-se à *Praça Marshal Tito*, onde um lindo e bem cuidado jardim e uma fresca fonte jorrando nos acolhem, chamam a atenção para uma belíssima

à nossa vista um belo complexo arquitectónico: é o **Arquivo Nacional**. Atrás dele, estende-se o **Jardim Botânico**, fundado, em 1889, em terreno pertencente à Faculdade de Ciências Naturais e Matemática, por um professor da Universidade de Zagreb. De início, em 1892, plantou 10 mil espécies de todo o mundo. Mas o tempo não dá para visitar.

Prosseguindo na mesma direcção e ritmo presto, que o tempo urge, vamos encontrar uma longa avenida repleta de prédios históricos – a avenida *Praska* – que nos fará desembocar na *Praça Ban Jelacic*, onde iniciámos o nosso passeio e termina esta panorâmica visita à capital croata.

Agora, o autocarro que nos acompanhará em toda a nossa permanência nestas terras balcánicas, espera-nos para, após uma pesadamente longa viagem de cerca de duas horas, sob um calor sufocante, nos levar a um almoço bem tardio, próximo da capital da Eslovénia – *Ljubljana* –, onde passaremos o resto do dia e pernoitaremos. Do entretanto sucedido no resto do dia daremos conta na próxima crónica.

Júlio Vaz
Fotos: Ester Taveira

A G R A D E C I M E N T O S

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Maria de Lurdes Rodrigues Alves

Penso - Melgaço | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Álvaro Gomes Vidal

Apeão - Paderne | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel João Táboas Rodrigues

Lourenços - S. Paio | 42 Anos

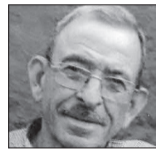
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Fernando Lourenço (Faleceu em França)

Sante - Paderne | 78 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria da Glória Pereira Vieira

Vila - Melgaço | 72 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel Fernandes Brito

Lar Pereira de Sousa | 71 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel Elmino Domingues Peres

Vila - Melgaço | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Rosalina Cordeiro Bernardo

Penso - Melgaço | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Rodrigues

Felgueiras - Penso | 98 Anos

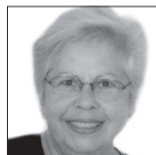
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Fernanda Ribeiro

Vila - Melgaço | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

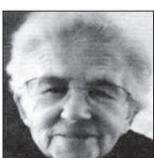


AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Maria Domingues

Cubalhão - Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Albertina Esteves

Parada do Monte | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Rosa Rodrigues

Cubalhão - Melgaço | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Pedimos Desculpa

Contra nossa vontade e depois de cinco dias de espera com promessas sempre não cumpridas de enviar os textos, tivemos de avançar já no entardecer de domingo, dia 2 de dezembro, para uma edição que não conta com a maior parte dos 22 títulos que o João Martinho anunciava que ia enviar. Por isso reduzimos o número de páginas para 28.

Temos muita energia e muita imaginação, passe o elogio, mas não conseguimos inventar notícias que outros estão encarregados de enviar. Dessa omissão, absolutamente involuntária, pedimos desculpa aos nossos leitores e aos melgacenses em geral, esperando que os outros textos inseridos compensem pela qualidade e pela contribuição para a formação pessoal que oferecem.

Há felizmente muito que ler no nosso jornal. Ainda em 1 de dezembro, dezenas de antigos alunos do Seminário de Braga, reunidos em assembleia geral, manifestavam no almoço de convívio o apreço e estima que nutriam pelo jornal e vivamente me incitaram a continuar a publicar.

Vindo de pessoas que não nasceram nem vivem em Melgaço, mais verdadeiro e genuíno sinto que é o elogio feito.

Um Santo Natal!



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/12/2018

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia dezoito de setembro de dois mil e dezoito**, exarada a **folhas oitenta e quatro e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **SETE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **AGOSTINHO GONÇALVES** e mulher **MARINHA DOS ANJOS ALVES MARTINS**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, ele da freguesia de Gave, concelho de Melgaço, ela da freguesia de Merufe, concelho de Monção, residentes na rua dos Padrões, número 52, terceiro esquerdo, freguesia de Cortes, concelho de Monção, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, dos seguintes bens imóveis, sitos na freguesia de **Gave**, **não descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço:

VERBA UM: PRÉDIO URBANO, sito no lugar de Corgas, composto por casa de morada de rés-do-chão e primeiro andar com rossios, *com área total de sessenta e oito metros quadrados, área coberta de cinquenta metros quadrados e área descoberta de dezoito metros quadrados*, a confrontar de Norte com Caminho Público, de Sul com Maria Duque e de Nascente e Poente com Eduardo Alves, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 198, com o valor patrimonial tributário de 6650,00; e

VERBA DOIS: PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Engenho", sito no lugar de Eiriz, composto de terreno de pastagem, *com a área de duzentos e noventa metros quadrados*, a confrontar de Norte com Armino Alves de Sul com José Maria P. Fernandes, de Nascente com Agostinho Alves e de Poente com Benezinda da Conceição Barreiros, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 739, com o valor patrimonial tributário de €1,99, desconhecendo os artigos da anterior matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade;

Que entraram na posse dos citados prédios em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e noventa**, já no estado de casados, por doação verbal feita ao justificante marido Agostinho Gonçalves, por seu avô Eduardo Alves, viúvo, residente que foi no citado lugar de Eiriz, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, desde então possuem os mencionado prédios, sem interrupção, nem ocultação de quem quer que seja, na convicção de serem os seus únicos e atuais possuidores, exercendo essa posse ininterrupta e ostensivamente, com conhecimento da generalidade das pessoas e sem oposição, nem violência, começando por ocupá-lo, nele efetuando obras de reparação e conservação, quanto ao urbano, e procedendo à sua limpeza e apascentando o gado, quanto ao rústico, com aproveitamento de todas as suas utilidades e exercendo esta posse de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e noventa** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.
Melgaço, dezoito de setembro de dois mil e dezoito.
O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



MIRA

Consigo desde 1850

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 - Melgaço
www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/12/2018

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia vinte e sete de novembro de dois mil e dezoito**, exarada a **folhas cento e onze e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **SETE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **FERNANDO AUGUSTO REIS** e mulher **BEATRIZ ALICE CARPINTEIRO**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais da freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Costa declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte imóvel, sito no lugar de **Cavaleiro Alvo**, freguesia de **São Paio**, não descritos na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**:

PRÉDIO URBANO, composto por casa de morada de rés-do-chão, primeiro andar e rossios, com a **área total de cinquenta e seis metros quadrados, área coberta de trinta e seis metros quadrados e área descoberta de vinte metros quadrados**, a confrontar de Norte e Poente com Caminho, de Sul com Albino Beites e de Nascente com António Meleiro, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 471**, com o valor patrimonial e atribuído de €8 180,00;

Que o referido prédio foi por eles adquiridos no ano de mil novecentos e noventa e seis, por compra verbal feita a Manuel António Soares e mulher Kallio-pi Lygoura Soares, residentes no número 315, Southale Road, West Unit, 209, London, Ontário, Canadá, sem quem, no entanto disponham de qualquer título formal para registo na conservatória;

Que, não obstante a falta de título, sempre têm possuído o dito prédio desde aquela data, habitando-o, usufruindo do imóvel, gozando de todas as utilidades por ele proporcionadas, fazendo obras de reparação e conservação sempre que necessário, participando nas suas vantagens e encargos, exercendo todos os direitos e deveres correspondentes ao direito de propriedade, sempre com ânimo de quem exercita direito próprio, de forma ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja e por um lapso de tempo superior a vinte anos.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram o dito prédio por usucapião, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e sete de novembro de dois mil e dezoito.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves

Comarca de Viana do Castelo

ANÚNCIO

Processo: 169/18.8T8MLG

Interdição/Inabilitação

N/Referência: 43137488

Data: 30-10-2018

Requerente: Ministério Público

Requerido: Paulo Augusto Camanho Ribeiro

Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, a acção de Interdição em que é requerido **Paulo Augusto Camanho Ribeiro**, filho de Augusto Luís Ribeiro e de Laurinda Camanho Carvalho Ribeiro, nascido em 20/08/1966, Cartão de Cidadão 087149508ZZ5, com residência em **domicílio: Lug. de Serra, Prado, 4960-000 Melgaço**, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Passsei o presente e outro de igual teor para serem afixados.

A Juiz de Direito,
**Dra. Gisela Maria Costa
Ferreira Marques**

A Oficial de Justiça,
Almerinda Esteves

Comarca de Viana do Castelo

ANÚNCIO

Processo: 170/18.1T8MLG

Interdição/Inabilitação

N/Referência: 43161112

Data: 06-11-2018

Requerente: Ministério Público

Requerido: Albertino Enes

Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, a acção de Interdição em que é requerido **Albertino Enes**, filho de Júlio Enes e de Maria Fernandes, nascido em 08/06/1962, BI - 7709146, com residência em **domicílio: APPCDM, Prado, Remoães 4960-000 Melgaço**, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

A Juiz de Direito,
**Dra. Gisela Maria Costa
Ferreira Marques**

A Oficial de Justiça,
Zulmira Cardoso

De uma pastoral para os jovens, a uma pastoral com os jovens

É desta profunda conversão que fala o cardeal de Madrid, Carlos Osoro, na sua carta semanal de 18 de Outubro em 'Alfa y Omega', em suplemento do jornal «ABC».

Esta pastoral com os jovens, afirma ele, supõe uma mudança de método e de protagonistas. Os jovens devem estar presentes, não apenas como sujeitos activos em programas e acções, mas também como autores dos mesmos. Têm que ser os protagonistas na evangelização dos seus companheiros: quer dos que não conhecem Deus nem tiveram uma experiência forte do Senhor, quer dos que conhecem Deus e que, tendo-O conhecido, se afastaram e têm muitas perguntas.

Os jovens têm que ter uma experiência viva de que a Igreja confia neles. Têm de ser eles a anunciar Jesus Cristo e a verificar com as suas vidas e compromisso que a Igreja de que formam parte não é sua inimiga, mas amiga e mãe que lhes deseja abrir as portas e o seu coração para que conheçam quem é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Este protagonismo dos jovens na evangelização dos seus contemporâneos exige que os adultos confiem neles, os apoiem e colaborem na busca dos caminhos que devem empreender para anunciar o grande Amigo Jesus Cristo. E isto exige uma verdadeira conversão pastoral: passar de lhes dar o que nós, com a nossa maneira de pensar nos parece que seria necessário fazer, a serem eles, com o apoio de todos, a descobrir o que, no mais fundo do seu coração, precisam para realizar um seguimento radical de Jesus Cristo. Tem de ser a Igreja a confiar nos jovens, entre outras razões, porque não quer perder as características de força e audácia, entusiasmo, alegria e esperança que lhes são tão conaturais. Uma Igreja que deseja apresentar um Cristo jovem entre todos os jovens, que não tem medo de sair ao caminho, e o faz sem se fechar em falsas seguranças.

Não se trata de fazer coisas, nem de que demos aos jovens uma lista de tarefas a cumprir. É o «segue-me» que Cristo disse ao jovem rico, que outra coisa não é que um convite fortíssimo a que mudemos o coração com que amamos. O simples fazer não transforma a vida pessoal nem a colectiva, mas seguir os passos de Jesus, realizar um seguimento radical do Bom Mestre, da sua Pessoa, deixando que penetre no mais fundo do nosso coração, isso, sim, muda a vida. Porque passa por apostar por estar

com os pobres, ver neles o rosto de Jesus, deixar-nos acompanhar pela sua Palavra, alimentar-nos da Eucaristia, sarar as nossas feridas no sacramento da reconciliação, contemplar a sua presença na adoração silenciosa...

Foi algo disto que 4 jovens interpelados pela famosa revista «Vida Nueva», nº 3.104 de 2 a 9 de Novembro, disseram a partir da sua experiência de participação como auditores no Sínodo dos Bispos. Perguntava 3 coisas: a) Qual o ponto mais relevante do documento final; b) Que aspecto poderia ter sido melhorado; c) qual a iniciativa ou medida que a Igreja deve aplicar com maior urgência a respeito dos jovens.

O jovem alemão realçou a afirmação de que as mulheres devem ocupar posições de liderança. Mas notou que falta passar à prática. A Nicole, filipina, realçou toda a terceira parte do documento final, onde se podem ver as respostas dos jovens e como elas foram incorporadas, mostrando que a «Igreja nos escuta de verdade». Realçando ainda que não basta descrever a situação. É preciso avançar e trazer vida. No mesmo sentido se pronunciou o jovem argentino:

«a consciência de que todos somos Igreja que quer fortalecer o acompanhamento dos jovens em qualquer parte do mundo, na sua específica condição». Finalmente, o jovem italiano realçou o espírito com que o documento foi escrito e com que foi votado, mostrando uma «Igreja que escuta antes de falar, que escuta os jovens e que, deste diálogo frutífero, produz um tal documento».

Ressaltam ainda das suas respostas que a Igreja mostrou ter consciência de que os jovens são documentos vivos e que este processo sinodal é para ser vivido no dia a dia. É preciso «sair dos nossos lugares de conforto e segurança para ir aos territórios desconhecidos, mas desde os quais Deus nos está a chamar». «O mais urgente é compreender quão grave é a situação dos jovens nesta era da globalização, peões em mãos dos populismos e da política da utilidade imediata. O documento não teve medo de se confrontar com esta realidade. E fê-lo com grande honestidade». É urgente sair aos caminhos do mundo e estabelecer um diálogo profundo e amigo com todos, entre todos e para todos.

Carlos Nuno



CONVOCATÓRIA

Aprígio Manuel da Costa, Presidente da Assembleia – Geral da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, por este meio e nos termos do disposto na alínea a) do nº 2 do art.º 22.º do Compromisso, convoca para sessão ordinária, todos os Irmãos para participarem na Assembleia-Geral, que terá lugar, na sala superior do edifício do antigo Hospital da Misericórdia, sito no número 122 da Rua Nova de Melo, na Vila e concelho de Melgaço, pelas 18:00 horas do dia 28 de Dezembro de 2018, e com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Leitura e aprovação das atas anteriores;
2. Apreciação, discussão e aprovação do Plano de atividades e Orçamento para 2019;
3. Discussão da proposta de atualização da Lista de Irmãos;
4. Outros assuntos.

Melgaço, 28 de Novembro 2018

- Se no dia e hora indicados não comparecerem número suficiente de irmãos, a reunião terá lugar meia hora depois, em segunda convocação, com qualquer número de irmãos presentes.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

(Assinatura)
(Aprígio Manuel da Costa)

No final da Assembleia será dada posse aos membros dos órgãos sociais, eleitos para o quadriénio. 2019 – 2022.

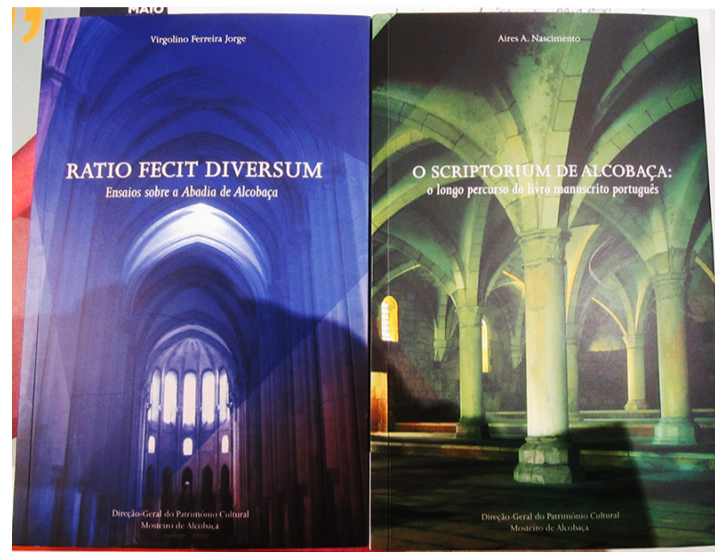


Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

III Encontro Internacional de Abadias Cistercienses do Alto Minho – Rota Cisterciense do Alto Minho –



Decorreu no Mosteiro de Alcobaça, inscrito na Lista do Património Mundial da Humanidade pela Unesco, em 1989, o notável evento III Encontro Internacional de Abadias Cistercienses.

Seguir o itinerário desde o Alto Minho até ao conjunto monacal cisterciense em Alcobaça, é motivo para avivar toda a referência histórica, artística e místi-

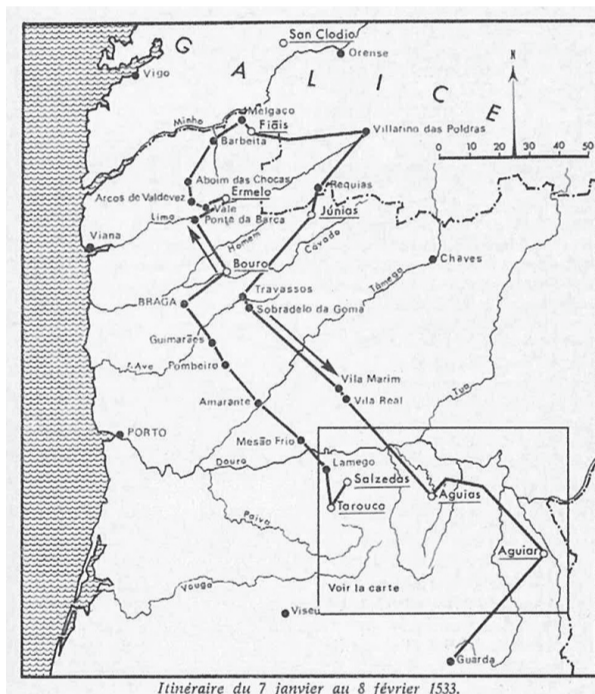
ca que nos legou aquela abadia, e recordar o que Dom Maur Cocheril escreveu no livro dedicado à Igreja abadia-mãe: “A mais pura e majestosa igreja construída pelos cistercienses”.

Percorrer os espaços do mosteiro de Alcobaça, desde a igreja, passando pelo refeitório até ao dormitório, é descobrir “a alma do lugar” e comungar emoções dos homens

OS MONGES IMPRESSIONARAM COM A SUA MARCA UMA TERRA

“Quando os monges, durante séculos e séculos, impressionaram com a sua marca uma terra, ainda que não ficasse da moradia dos monges senão uma pedra que se desagrega, senão um grão de areia que se desmorona, a pedra, a areia falam dos monges. Mesmo que a pedra e o grão de areia desaparecessem, a terra, a velha e nobre terra, a terra sobre a qual os monges se debruçavam, o vale em que rezavam, as árvores que plantavam continuariam a falar deles. Porque, durante séculos e séculos, os monges impressionaram com a sua marca uma terra”.

(Dom Maur Cocheril)



que viveram em “território do infinito” e “num tempo sem tempo”.

SESSÃO SOLENE DE ABERTURA

A receção aos participantes do encontro internacional concretizou o capítulo LIII: “do acolhimento dos hóspedes de acordo com a regra de S. Bento”.

A inauguração dos trabalhos realizou-se na sala das conferências, sendo presidida pela Dra. Ana Pagará, diretora do Mosteiro de Alcobaça.

Na mesa da presidência encontravam-se a Diretora-Geral do Património Cultural, Dra. Paula Silva; Presidente da Câmara de Alcobaça, Dr. Paulo Inácio; representante da Carta Europeia das Abadias, Dr. Gerard Berreux; Diretor do Instituto Europeu dos Itinerários Culturais, Dr. Stefano Dominioni e o Procurador da Ordem Cister, D. Lluc Torcal.

Realizaram-se intervenções de elevado nível cultural, lançando olhares pelo património cisterciense europeu, rasgando perspetivas “Para além das Fronteiras: O Património Cisterciense e a Identidade Cultural Europeia hoje”.

COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS

As seções científicas tiveram a intervenção de grandes especialistas de história, antropologia, e da arte arquitetónica, com a acentuada preocupação pela divulgação e salvaguarda do património cisterciense.

Tiveram a participação de notáveis personalidades culturais da Itália, França, Alemanha, Polónia, Portugal, Galiza, Bélgica, Dinamarca e Espanha.

A Dra. Ana Pagará Diretora do Mosteiro de Alcobaça dirigiu as seções científicas com grande nível

cultural, e o Subdiretor-Geral do Património Cultural Dr. Filipe Silva suscitando reflexões pertinentes acerca das boas práticas do riquíssimo património português e a sua valorização no “concerto universal das culturas”.

É de sublinhar, que para melhor resultado do III ENCONTRO INTERNACIONAL, houve o serviço de tradução simultânea em português, francês, inglês, tendo todos os atos sido gravados em audiovisual.

Durante os dias do Encontro Internacional realizaram-se várias visitas ao conjunto monacal de Alcobaça.

DIRETOR DO INSTITUTO EUROPEU DOS ITINERÁRIOS CULTURAIS

A conferência inicial foi proferida por Stefano Dominioni, Secretário Executivo do Acordo Para-

Adega sabino

Largo Hermenegildo Solheiro, n.º 46 - Melgaço
Tlf. (+351) 251 404 576 | Tlm. (+351) 963 452 031
E-mail: restaurante.sabino@sapo.pt

ESPECIALIDADES:
- CABRITO DO MONTE
- BACALHAU COM BROA
- ARROZ 'PICA-NO-CHÃO'
- LAMPREIA E SÁVEL*
*(NA ÉPOCA)



42° 6' 46" N / 8° 15' 32" W

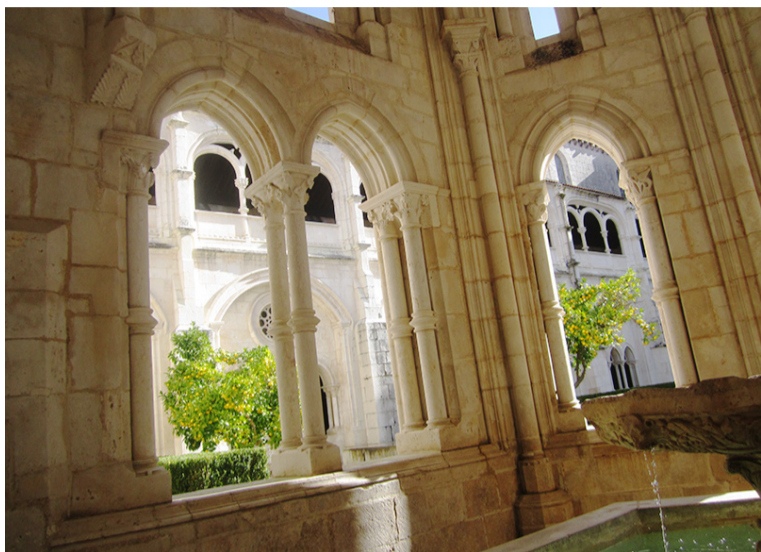






dias Cistercienses em Alcobaça

Galiza projeta-se na Europa



lelo Europeu sobre Rota Culturais – Conselho da Europa (EPA).

Stefano Dominioni exerce também a missão de Supervisão da Certificação pelo Conselho da Europa das Rotas Culturais e do Património Europeu, no âmbito dos seus 47 estados – membros.

Igualmente é responsável pela avaliação regular das atuais 33 Rotas Culturais Certificadas, e ainda pela implementação de Programas Conjuntos com a Comissão Europeia e pela cooperação com outras Organizações Internacionais, como UNWTO e UNESCO.

O PROJETO COSMOS POBLET

Dom Lluç Torcal, Procurador Geral das Ordens Cisterciense (Roma) apresentou o projeto (Cosmos Poblet) de que destacamos:

“O Mosteiro de Poblet, inscrito na Lista do Património da Humanidade da UNESCO (1991), é uma comunidade de monges cistercienses. Juntamente com a Fundação Populus Alba e fiel à sua vocação e à vontade fundadora do Conde

Ramón Berenguer IV de Barcelona, realiza um projeto integral de valor cultural, social, ambiental e eclesial, denominado “Programa Cosmos Poblet”.

A vontade de Ramon Berenguer IV, era que Poblet fosse “um foco de oração e trabalho, um exemplo de cultura e exploração agrícola, isto é, uma semente de fé e civilização”. Poblet tentou ser assim ao longo de sua história até ao século XXI: um compromisso exato que a comunidade atual renovou estabelecendo o “Programa Poblet Cosmos”.

Nos últimos anos, o Mosteiro de Poblet entrou num processo de mudança, modificação, expansão e abertura que resultou na implementação de diferentes serviços e atividades para visitantes e convidados, realizando uma revisão completa do mosteiro, tendo em conta o respeito pela natureza, os princípios de sustentabilidade e o respeito pelos recursos naturais. O Mosteiro de Poblet acredita que estamos num momento fulcral da história recente para empenhar-nos em melhorar a qualidade de vida da comunidade monástica e dos

milhares de visitantes que, ano após ano, o visitam, sendo um dos principais monumentos da história da Catalunha, Aragão, Valência e as Ilhas Baleares. É claramente uma referência histórica, arquitetónica, simbólica, religiosa e espiritual de primeira ordem tanto para a Catalunha quanto para a comunidade cisterciense.

Este programa visa desenvolver toda uma série de projetos e ações abrangentes baseados no facto de que Poblet configura uma paisagem, uma tradição e uma unidade entre a dimensão espiritual, cultural, social e ambiental da vida.

Este programa pretende ser uma nova forma de preservar o património da humanidade, uma forma que tem como regra a integração de diferentes níveis do património humano. Por isso, o programa chama-se “Cosmos Poblet”, porque faz do mosteiro e da sua ação um verdadeiro cosmos”.

ROTA CISTERCIENSE DO ALTO MINHO-GALIZA

O coordenador da referida rota,

José R. Lima apresentou o projeto cultural transfronteiriço, tendo os participantes no Encontro Internacional acolhido com muito agrado a comunicação, projetando assim a plano para a Europa, para além das fronteiras, contribuindo para Identidade Cultural Europeia Hoje.

A Rota Cisterciense Alto-Minho / Galiza tem início no Mosteiro cisterciense de Santa Maria do Ermelo, concelho de Arcos de Valdevez, situado junto ao rio Lima, seguindo pelo Soajo, Gavieira e atingindo São Bento do Cando, ermida fundada pelos monges brancos do Ermelo. Atravessa a zona da Branda da Aveleira e Bouça dos Homens, continuando por Lamas de Mouro, descendo por Alcobaça e Adedela para encontrar o Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Fiães, concelho de Melgaço.

A rota prossegue por terras melgacenses e atravessa a zona fronteira de São Gregório, seguindo por Cortegada e atravessando o rio Minho.

Ribadavia será ponto de passagem, para logo encontrar em Leiro o Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de San Clodio, envolvido

pelo rio Ávia e pelos vinhedos das cepas alinhadas e produtoras do vinho do ribeiro.

Continuando o caminho cisterciense ultrapassa-se o Carvallino, passando pelo município de Cea.

Após um denso carvalhal escutando o murmúrio do rio, surge o grande conjunto monacal do Mosteiro de Santa Maria de Osseira, considerado o Escorial galego.

A comunidade onde vivem doze monges seguindo o lema “ora et labora”, testemunham vidas voltadas para o transcendente num tempo sem tempo.

Podemos afirmar que são “os homens residentes em paisagem do infinito”.

Seguindo a tradição monacal produzem licores delicados.

Os mosteiros são mistério, onde “a arte é a epifania do transcendente”.

Pretende-se que a Rota Cisterciense contribua para dar visibilidade a testemunhos do património material e imaterial, que fazem parte do noroeste peninsular conjugando memória e projeto.

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

O caminho faz-se caminhando...

A paisagem cultural da rota encerra história, antropologia, arte, música, mística, diversas artes e ofícios, e valores éticos e estéticos, num autêntico diálogo com a memória dos homens e das coisas.

OBJETIVOS DA ROTA CISTERCIENSE:

- Dar visibilidade ao património material e imaterial;
- Concretizar leituras multidisciplinares na Rota Cisterciense;
- Reconhecer o valor dos conjuntos monacais no desenvolvimento do turismo cultural e religioso;
- Lançar um olhar humanista e místico sobre 900 anos de História;
- Dar um contributo para o Itinerário Cultural Europeu dos Caminhos de Cister;
- Valorizar o legado "*ora et labora*";
- Ligar o Vale do Lima ao Vale do Minho pela montanha, contribuindo para o seu desenvolvimento;
- Fortalecer os laços transfronteiriços, tendo referências memoriais e registos raianos;
- Constatar a existência de laços antigos entre os cistercienses do Alto Minho e Galiza.

Diligenciar a inscrição da Rota na Carta Europeia das Abadias e Sítios Cistercienses.

Na comunicação do projeto foi apresentada a grade obra do Prof. Doutor José Marques, "O Cartulário do Mosteiro de Fiães" que muito dignifica a historiografia portuguesa e internacional.

VISITA DO ABADE DE CLARAVAL

O Mosteiro de Santa Maria de Fiães e o de Santa Maria do Ermelo receberam as visitas canónicas de D. Edme de Saulieu, abade de Claraival, que se fazia acompanhar pelo secretário Fr. Claude de Bronzeval, acontecimentos que ocorreram entre 20 e 27 de Janeiro de 1533.

"Devido a ser inverno e a temer falta de segurança no percurso directo de Ermelo a Fiães a comitiva que tinha vindo de Ponte da Barca a Ermelo voltou pelo Vale e Arcos de Valdevez, seguindo por Choças, Extremo, Barbeita, Melgaço e Fiães.

Os caminhos da serra eram de Ermelo por Soajo a Adrão e Miradouro e dali em alternativa pela Peneda ou pelo Cando, Branda da Aveleira a Lamas de Mouro" (Bernardo Pintor, 1981).

Prosseguindo por Alcobaça e Adedela para encontrar o mosteiro de Fiães.

O relato da visita do Abade de Claraival foi redigido em latim e D. Maur Cocheril traduziu-o para francês na obra bilingue "Peregrinatio hispanica" (1970).

Aliás, é de referir a grande obra de M. Cocheril referente aos cistercienses em território português, sendo de destacar a edição "Routier des Abbayes Cisterciennes du Portugal" (Paris, 1978).

Os monges cistercienses cingiam-se a uma rígida clausura, pelo que o mosteiro tinha de ser auto-suficiente.

"Assim, a escolha do local era fundamental. O modelo de implantação do cenóbio exigia um lençol de água próximo e consequentemente um solo circundante fértil."

Um dístico anónimo regista que "São Bernardo amava os vales, São Bento os montes, São Francisco as aldeias e Santo Inácio as grandes cidades. Assim se traduz de forma paradigmática a preferência dada pelos cistercienses às zonas baixas dos vales irrigados." (Teixeira, 1999)

Através da história surgem exceções por razões de vária ordem.

As marcas dos cistercienses estão bem vincadas no Noroeste Peninsular e são merecedoras de um olhar patrimonial consistente, pois "o desenvolvimento deve ter em conta a continuidade da vida cultural dos povos", como se preconiza em textos da UNESCO.

MEMÓRIAS COM LUZES

Ao percorrer os antigos caminhos, veredas e atalhos, seguimos as pegadas dos homens "de lugares do infinito", que sendo habitantes da terra continuamente falavam com os habitantes do céu, num tempo sem tempo.

Os mosteiros com o rico e diversificado património histórico, antropológico, artístico, agrícola e inclusive tecnologia hidráulica, e a irradiação cultural e espiritual conduzem-nos por memórias com luzes que apontam condutas éticas, estéticas e transcendentais. O ambiente que se respira na área de um conjunto monacal e os sons dos sinos das torres, bem como os timbres das sinetas das portarias ou dos claustros, levam-nos a sentir emoções e a olhar para mais além, para o alto, ultrapassando os cânones do tempo e do espaço. Os apelos feitos através dos sentidos, do tacto, do paladar, do olfato, da visão e da audição transportam-nos para o sentido místico, refrescando a alma como se víssemos o invisível. O canto das aves no claustro ou nas granjas une-se ao canto gregoriano das horas litúrgicas. "Cada época deve reinventar para si um projeto de espiritualidade." A regra de São Bento (Regula Sancta) e a "Carta de Caridade" são obras que apaixonaram através dos séculos multidões incontáveis de monges e onde a "lectio divina" os levava

a uma contemplação muda e silenciosa. "A arte é nostalgia de Deus" escreve Mira Schendel. "Não precisa pintar aquilo que se vê, nem aquilo que se sente, mas aquilo que vive em nós." "O invisível atravessa profundamente a humanidade, e os processos lentos, vertiginosos imperceptíveis ou nomeáveis." (T. Mendonça) A arte é sem dúvida epifania do mistério. Os mosteiros são "mistério".

SESSÃO DE ENCERRAMENTO DO III ENCONTRO INTERNACIONAL DAS ABADIAS

A Dra. Ana Pagará, Diretora do Mosteiro de Alcobaça fez uma maravilhosa síntese dos dias das sessões científicas.

A coroação do grande evento internacional e cultural, concretizou-se com o lançamento de dois livros referentes á riqueza patrimonial do Mosteiro de Alcobaça, Património Mundial da Humanidade.

Assim, o Prof. Doutor Virgolino Ferreira Jorge, que criou o Mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico e o Doutoramento em Conservação do Património Arquitetónico, na Universidade de Évora, na década do 90 do século passado, conjuntamente com o arquiteto Gonçalo Ribeiro Teles, apresentou a obra intitulada "RATIO FECIT DIVERSUM" (Ensaio sobre a Abadia de Alcobaça) e fazendo parte das grandes publicações do conjunto monacal.

O Professor Catedrático Aires A. Nascimento, é autor de mais de 35 obras, cabendo-lhe a ciência de Codicologia nas Universidades Portuguesas e integrada nas ciências filológicas.

O Prof. Aires Nascimento subcreveu mais de 400 artigos em ensaios especializados.

Foi Prof. Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Diretor do Centro de Estudos Clássicos da mesma Faculdade.

É membro efetivo da Academia de Ciência de Lisboa e membro de Mérito da Academia de História.

Após vários anos de pesquisa e investigação apresentou a obra "O SECRIPTORIUM DE ALCOBAÇA" – O Longo percurso do livro manuscrito português.

A cultura portuguesa ficou grandemente enriquecida com as 2 obras referenciadas.

Honra ao mérito "daqueles que por obras valorosas se levantam".

Como nota de reportagem registamos a participação do Pe. Belmiro Amorim, do Mosteiro do Ermelo, tendo oferecido várias publicações relativas ao conjunto monacal situado à beira do Rio Lima.

José Rodrigues Lima

60.º ARTIGO

Razões para consumir produtos de Agricultura Biológica

Os produtos de origem biológica são melhores para a nossa saúde e para o ambiente e são também mais apetitosos. Enquanto consumidores, temos de fazer escolhas e estas podem exercer uma influência determinante: em benefício da nossa saúde e da dos nossos familiares e, ao mesmo tempo, em defesa do ambiente, dos solos e das águas, e ainda da vitalidade dos espaços rurais. Assim, consumir alimentos biológicos é um gesto positivo, um voto concreto para uma mudança essencial no sentido da saúde e do bem-estar global. Vejamos como e porquê...

Maior valor nutricional – em média, os alimentos biológicos possuem mais vitaminas, minerais essenciais, hidratos de carbono e proteínas, em comparação com os de agricultura convencional. Cultivados em solos equilibrados por fertilizantes naturais, os alimentos biológicos são de melhor qualidade.

Maior biodiversidade – a diminuição da diversidade biológica é um dos principais problemas ambientais da actualidade. A Agricultura Biológica preserva as sementes para o futuro impedindo, deste modo, o desaparecimento de inúmeras variedades de grande valor nutritivo e cultural.

Mais sabor – nos solos regenerados e fertilizados com produtos aceites pela Agricultura Biológica, as plantas crescem saudáveis e desenvolvem, o seu verdadeiro aroma e sabor, os quais permitem redescobrir o verdadeiro gosto dos alimentos. Estes têm um sabor mais rico, devido ao menor teor em água. O gosto superior dos produtos biológico é o preferido por muitos *chefs*, pela autenticidade dos aromas, cor e sabor.

Água mais pura – a prática da Agricultura Biológica, que não utiliza produtos tóxicos nem grandes quantidades de azoto – que contaminam os lençóis de água –, é uma garantia permanente da obtenção de água pura no futuro.

Solo mais fértil – o solo é a base de toda a cadeia alimentar e a principal preocupação da Agricultura Biológica.

Ambiente mais protegido – a Agricultura Biológica é uma abordagem sistemática para cultivo de produtos biológicos a longo prazo, com os objectivos finais de travar a degradação do solo e do ambiente.

Mais saúde – porque são isentos de herbicidas, fungicidas ou insecticidas, que muitos estudos consideram estar ligados a muitas das doenças modernas como cancro, alergias ou infertilidade.

Mais Emprego e mais desenvolvimento rural – graças à dimensão humana que estas explorações assumem, os produtos biológicos geram oportunidades de criação de empregos permanentes, e assim melhores condições de vida nas zonas rurais, restituindo aos agricultores a verdadeira dignidade e o respeito que lhe são merecidos pelo seu papel de guardião da paisagem e dos ecossistemas agrícolas. Ao adquirir produtos de Agricultura Biológica, possibilita que os terrenos agrícolas não sejam abandonados ou que outros sejam ocupados. Pode deste modo criar confiança para o desenvolvimento da agricultura e do mundo rural, contradizendo o fatalismo do abandono, que teima em contagiar a nossa paisagem.

Mais Garantia de qualidade (certificação) – a prática de Agricultura Biológica, obriga a normas rigorosas definidas pela U.E., regularmente controladas por organismos certificados, oferecendo aos clientes garantia da qualidade dos produtos.

Mais Educação e Sensibilização Ambiental – a Agricultura Biológica é uma escola prática de educação ambiental, contribuindo para a preservação e utilização sustentável dos seus recursos.

Menos engenharia genética – os produtos biológicos são um garante que os alimentos que a sua família consome não são geneticamente modificados, pois estes não são permitidos em qualquer circunstância na produção biológica.

Mais harmonia – a Agricultura Biológica respeita o equilíbrio da Natureza e contribui para um ecossistema são, permitindo a preservação de um espaço rural capaz de satisfazer as gerações vindouras.

Ana Cristina Costa

Memórias do Natal

O abraço



Morreu há pouco Júlio Pomar, grande artista das artes plásticas, com 92 anos. Grande figura da pintura portuguesa, que no início da carreira se distinguiu pelo estilo neorrealista ligado a um movimento político da transformação social e na luta contra a ditadura.

Morreu também António Arnaut, considerado o pai do Serviço Nacional de Saúde. Uma referência para todos nós e o criador de um serviço que, apesar de criticado em Portugal, é considerado um dos melhores da Europa e a nível mundial. António Arnaut foi um homem de causas de grande valor social e de legítima liberdade.

Esta não é uma crónica nossa de óbitos, mas de referências aquelas que nos marcaram enquanto sociedade. Referências que fomos perdendo mas que pelas memórias são orgulho para nós.

Orgulho deve ser também a Expo'98. Celebramos este ano, com nostalgia, os 20 anos que já passaram desde a grande exposição mundial que aconteceu na zona oriental de Lisboa. Festejamos também os 20 anos do Oceanário de Lisboa, o melhor do mundo, bem como de outras infraestruturas que deram vida a um Portugal maior. Estamos a lembrar a Altice Arena, que nasceu com o nome de Pavilhão Atlântico e onde se realizou o Festival Eurovisão da Canção. Tanto espólio para mostrar, tantas conquistas e tão curta visão de futuro. Essa pequenez deve deixar-nos preocupados.

Estamos saudosistas do ano de 1998, mas a saudade não chega. Para matar saudades faz bem dar beijos e dar abraços. Abraços ao que temos de melhor em Portugal e que, no correr do tempo, nem valorizamos devidamente. Olhamos pouco para dentro, para nós próprios, enquanto povo. Por vezes, sentimos, como escreveu o poeta e dramaturgo Fernando Pessoa no poema "Mar português", da obra prima Mensagem, que falta mesmo

cumprir-se Portugal!

Mudando de assunto, umas linhas sobre o natal que se avizinha.

Todos gostamos de uma boa festa de Natal, de ter a família reunida à mesa, do sentimento de união que se reforça nesta época festiva. Isto é o Natal, uma forma de compensar a atenção que não se deu aos familiares durante todo o ano. Santo Natal e Bom 2019.

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Novembro 2018

Abílio Francisco Conde

O sacerdote e escritor Pablo D'Ors, que esteve em Fátima no simpósio do Clero em Setembro passado e que é reconhecido pela sua espiritualidade, acaba de publicar na conceituada revista «Vida Nueva», nº 3107, de 24 a 30 de Novembro, na página 50, o seguinte texto sob o título 'O abraço'.

«A dinâmica do sacramento da reconciliação, com o seu exame de consciência e dor dos pecados e, sobretudo, com a confissão da transgressão de uma série de mandamentos e consequente imposição de uma penitência, deveria ser revista e corrigida. Não para diluir este acto religioso numa terapia humanista, mas sim para desarticular esses formalismos ultrapassados que provocam no imaginário de muitos uma recusa visceral.

Mais do que salvaguardar a manutenção desta prática, a Igreja deveria vigiar para a preservar de toda a rotina e mecanização. Não exagero se disser que, aproximadamente um noventa por cento das confissões em que tomei parte, quer como penitente, quer como confessor, foram mais simples actos de magia, do que um encontro entre duas pessoas diante de Deus. Isto é doloroso para quem ama a Igreja e para quem respeita aqueles que ainda se atrevem a confessar a outros as suas misérias.

Eu sei – quase poderia dizer

que o vi – quão formidável é a acção do Espírito santo na alma de alguns dos meus contemporâneos. Comprovei vezes sem conta até que ponto o Espírito Santo é capaz de lavar o que está manchado, endireitar o que está torto e sanar o que está doente. Basta um segundo de graça para redimir anos de perdição. Por mais obscuro e torpe que tenha sido o passado, não passa de uma bagatela se o presente é vivido na luz. Mas, para ter essa certeza íntima, tive que ver e sentir antes como Ele iluminava o meu próprio entendimento, como insuflava força na minha fraca vontade, como transformava a minha forma de olhar.

Mais do que para a beleza ou fealdade moral, olho hoje os meus semelhantes benévola e desinteressadamente. Nada quero deles para mim, mas sim que haja algo de mim que os possa ajudar a eles. Quero suave e decididamente o seu bem, e contribuir quanto me seja possível para que esse bem nasça ou se desenvolva. Sinto que todos sem excepção são outra versão de mim: em feminino, em criança, em idoso, no melhor ou no pior. 'Permite que te abrace', quero dizer a todo aquele que encontro. Por vezes, nesse abraço, acende-se em mim, misteriosissimamente, a certeza da comunhão. Olho então essa certeza, esse vislumbre do que

somos, com a mesma indulgência e ternura com que pouco antes olhei o rosto dessa pessoa, seja quem for. E fico feliz de ser humano. Alegro-me que uma forma, - um abraço -, possa exprimir tão cabalmente um fundo, - um amor. Que algo tão pequeno e simples como um abraço possa condensar tudo.

Os desejos humanos deixam de ser vorazes ou imperiosos se aprendermos a olhá-los como os olham as crianças: com ironia, com indulgência, com a distância da experiência. O chamamento dos corpos a fundirem-se num abraço é o signo corporal do nosso desejo de plenitude e da nossa vocação à unidade. Nada do que experimentamos é intrinsecamente mau ou reprovável: é só uma chamada a uma harmonia maior. Se não nos zangarmos com os nossos desejos, sejam eles quais forem, eles perdem a sua virulência. E vistos assim, os desejos – qualquer desejo, mesmo os teoricamente mais escandalosos – são tão compreensíveis e tão belos! À humanidade de Jesus só podemos aceder a partir da nossa humanidade. Os meus sonhos não são importantes em comparação com o sonho que eu sou para Ele. Será possível amar a vida sem compreender até que ponto é um bem frágil e efémero?».

Carlos Nuno



VIVEIROS VITÍCOLAS
ANA M. MARTINS BENJAMIM LEITÃO

O sucesso da sua vinha tem aqui as suas raízes!

Enxertos prontos para instalar a sua vinha

Exmo(a) Senhor(a) Viticultor(a)

Nós somos uma empresa familiar, localizada na freguesia do Pó, concelho do Bombarral, "capital do viveirismo vitícola português", que se dedica à produção e comercialização de enxertos prontos e outros materiais de propagação da videira.

Rua do Figueiredo, 5
2540-512 PÓ
PORTUGAL

Rua José Bernardo, 7
2540-515 Pó PORTUGAL



Tel. / Fax +351 262 969 487

Telm. +351 967 397 032 - +351 914 782 357

viveiros.anabenjamimleitao@gmail.com
m.me/viveirosanabenjamimleitao



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.

casadocerdedo@gmail.com
Tlm.: 968 274 988 / 918 293 695
Tel.: 251 825 341 / 251 402 138

RESTAURANTE "O Adérito"

Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com

Visita aos Mosteiros da Geórgia e da Arménia

23 de Agosto de 2018



TBLISI: DAVID-GAREJA, SIGHNAGHI, TBLISI

David-Gareja é um dos lugares históricos mais importantes da Geórgia pelo seu complexo de mosteiros, situado na província de Kakheti, a Leste. Curiosamente serve de fronteira entre a Geórgia e o Azerbaijão. O nome do conjunto monástico, do século VI, provém do seu fundador, David-Gareja, eremita sírio que com outros doze vieram evangelizar o País. Integram-no quinze mosteiros espalhados por uma vasta área semidesértica, estando a maior parte abandonada. A visita aos mosteiros concentra-se em dois deles: Lavra e Udabno. O primeiro tem vindo a ser restaurado, e ganhando vida com monges, que presentemente o habitam; o segundo, a montante deste, ainda exhibe lindos frescos.

Para os conhecer, despertámos cedo. Às oito horas o autocarro saiu de Tblisi. Esperava-nos um percurso, a pé de três horas, aproximadamente, por encosta de montanha de tipo desértico, cheia de sulcos e alguns profundos, com pedras, coisas das intempéries. Na véspera e no próprio dia, as recomendações da Maitê deram-nos a antevisão do cenário!

Quando já rolávamos por estrada secundária, surgiram, nas bermas, homens em fila. Ofereciam os seus trabalhos, segundo as máquinas que junto deles exibiam! Esta paisagem social ensombrou por instantes a nossa alegria, foi como que o dia fechasse! É o País real! O domínio soviético, desde 1800 até 1991, estagnou-o. Mas felizmente entrávamos no aconchego da paisagem farta de vinhedos, aveleiras, nogueiras, figueiras. Não

lhe faltaram rebanhos lanígeros, algum gado bovino, asinino e até cavalos, todos estes, em liberdade franca, tosavam os pastos verdes, quentes e húmidos, decorrentes do calor e das águas abundantes da Geórgia.

A dada altura, como o autocarro não podia entrar em via estreita, de terra batida e esburacada, tivemos de nos separar por grupos, e tomar assento em carrinhas pequenas habituadas ao percurso! A viagem ilustrada por imagens de áreas despovoadas teve o seu encanto até ao sopé da enigmática montanha do complexo de mosteiros de David-Gareja.

Caminho acima, a nossa peregrinação começava ali. Vedada, porém, a pessoas com síndrome vertiginosa, aconselhou a guia Maitê. Caminhámos até ao mosteiro de Lavra. A vegetação circundante era

resistente, fixada à terra, seguravamos nos nossos desequilíbrios. As flores, essas, coloridas, espalhadas aqui e acolá por ser Verão, suspendiam momentaneamente a dureza do percurso.

Entrámos no mosteiro de Lavra, em parte restaurado. Manifesta construções de muitos períodos. A sua estrutura, à maneira de pé alto, tem três níveis. O convento está inserido na rocha, e confunde-se com ela, passando despercebido do exterior. A porta principal, com relevos, narra a vida dos monges em sintonia com o mundo natural. Segue-se o pátio no piso abaixo, onde estão as celas de David e do seu discípulo Kakhetian, num dos lados. Depois, a igreja do século VI Peristsvaleba ou Igreja da Transfiguração, num outro aposento. Ao lado direito da Igreja, está o túmulo do Fundador. O acesso

aos restantes aposentos faz-se por escadas, embora as visitas sejam restritas a um ou a outro patamar das celas. É que presentemente há monges a habitar o mosteiro.

Depois desta paragem, continuámos a subir a colina cada vez mais escarpada. No topo, o mosteiro de Udabno estira-se pela colina, e mostra a sua fisionomia: uma série de caves ou celas voltadas para a grande planície do Azerbaijão, verde, a perder de vista. É um espaço de silêncio!

A linha de fronteira da Geórgia com o Azerbaijão, neste local, ainda não está demarcada definitivamente. É natural encontrar patrulhas do Azerbaijão por ali, mas não criam obstáculos aos turistas, assim nos disseram...! Nós não os vimos. O local, deveras alcatilado, não gerou receio. O mesmo não se passou quanto à existência de víboras venenosas na zona e claro nas celas, embora nos dissessem que apenas aparecem nos meses de Abril, Maio e Junho. São imensos os orifícios no solo, onde possivelmente lá estariam a hibernar. Quando perguntámos ao guia, homem, que nos acompanhou, se as havia realmente, a resposta foi: "nem é bom falar delas"! Para nós foi inquietante imaginar que, de repente daqueles buracos, podiam sair aos molhos!

Escudados na responsabilidade dos guias, começámos a visitar Udabno, isto é, perscrutar as celas ou caves, mas somente as marca-

Continua na pág. seguinte



Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o 251 096 297 e o e-mail é cnmelgaco@gmail.com.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



TRANQUILIDADE



ZURICH

Continuação da pág. anterior

das, no seu exterior, pela cor verde. Nelas encontram-se pinturas a fresco (sécs. X-XIII) a necessitarem de restauro urgente.

Umás mais acima outras mais abaixo, assim se apresentam. A primeira foi a cela nº 50, a partir desta encontramos a cela nº 36, a do refeitório do mosteiro, decorada por frescos de tons claros. O principal fresco é do século XI, e refere-se à Última Ceia. Mostra-nos que os monges comiam de joelhos, em mesas baixas, de pedra. Mais acima, a cela nº 42, chamada Igreja da Anunciação, embora os seus frescos se refiram a Cristo e aos seus discípulos! É muito baixa, temos de nos curvar bastante para entrar. A Igreja de S. Jorge tem o nº 41.

No caminho do regresso, a alguns metros à esquerda, surge a Igreja principal do mosteiro Udabno. As suas pinturas retratam David Gareja e o seu discípulo Kakhetian rodeado por um "veado" que lhes deu leite, quando eles vagueavam com fome neste deserto longínquo.

Enfim, foi um percurso de sobe e desce, penoso muitas vezes, e de controlo do medo por vezes também, mas para muitos foi o momento alto do dia. De facto, poder testemunhar épocas tão recuadas, em espaços ainda autênticos, constituiu um privilégio!

A importância dos mosteiros foi notável não só do ponto de vista espiritual, mas também cultural e civilizacional. Traduziram e copiaram manuscritos antigos; e pintaram a fresco. Ensinarão, pois, a técnica, criando escolas.

Mas as vicissitudes da história não pouparam os mosteiros. Vejamos: os Mongóis, no século XIII, destruíram-nos; no século XIV, tiveram melhor sorte com o rei George V, denominado Brilhante, que os restaurou; depois, Tamerlão saqueou-os; e nos princípios do século XVII, o exército do Xá, numa noite de Páscoa, dizimou 6000 monges, e destruiu muitos tesouros de arte. Durante o domínio soviético, a área foi vandalizada ao ser utilizada para fins militares. Com tamanha maldade de destruição e morte, os mosteiros jamais recuperaram a sua importância, embora fossem ocupados pelos monges até aos fins do século XIX.

O almoço foi com certeza a pausa de que todos esperávamos. Havia vinho da região feito tradicionalmente. Como prato principal serviram carne de porco, assada, saladas variadas, queijo, sempre muito salgado, e uma sobremesa doce.

Antes do regresso a Tblisi, visitámos a fortaleza da cidade de Signaghi. Do cimo das suas muralhas, alcança-se o Cáucaso, motivação maior para lá chegarmos!

A província de Kakheti tem duas cidades: Signaghi e Telavi. Desta última registámos apenas o seu nome por não fazer parte do nosso itinerário.

Signaghi, com 2150 habitantes, situa-se numa colina a 60km de Telavi para Sudeste. A caminho da fortaleza, a Cidade mostrava a sua arquitectura dos séculos XVIII e XIX, a lembrar o estilo italiano, retratado nas varandas, principalmente.

O esforço de renovação para acolher os turistas não lhe alterou o estilo original.

Junto de uma das portas de entrada da fortaleza, o ambiente que encontramos denunciava pobreza envergonhada. Mulheres simples vendiam figos, romãs, em pequenos recipientes de casa, não se via, porém, gente a mendigar.

O desenvolvimento de Signaghi deu-se no tempo do rei Erekle II, no século XVIII. A fortaleza, com o seu nome, de 4km de extensão, ainda se mantém de pé. Serviu de refúgio às populações da área, quando se sentiam atacadas, sobretudo, pelos Persas. Compõem-na 23 torres e 6 portas. Cada uma das portas recebeu o nome das povoações locais.

Entrámos, admirámos o grande vale que dos seus muros se avista. E a visão do Cáucaso? Nenhuma. Que pena, os nossos olhos não puderam descansar nessa montanha mítica por culpa da neblina!

Cumprido o objectivo da visita, regressámos ao autocarro a degustar figos de Signaghi. Jantámos em Tblisi. Depois recolhemos ao hotel a recapitular as emoções fortes do dia.

Maria Nadelete da Costa Lopes.

Fotografias: foram cedidas por um elemento do grupo.

O Expresso da Malásia (4)

A Malásia surpreende-nos constantemente: temos menos informação turística do que de outras zonas da Ásia, e portanto a descoberta é mais directa, sem ideias prévias e sempre com um acréscimo positivo em relação às expectativas. A Ilha de Penang e a sua capital, Georgetown, valem, só por si uma viagem de descoberta, pelo cruzamento de civilizações e coexistência tranquila das diferenças étnicas e religiosas que hoje se tornam especialmente surpreendentes pela positiva num mundo de incompreensões quase sistemáticas das diferenças.

Penang- Kek Lok Si Temple

Do muito que há para ver na Ilha de Penang, merece destaque o enormíssimo complexo budista de templos, considerado o maior de toda a Ásia, onde se destaca um enorme edifício dourado com sete andares e 30 metros de altura, o Pagode dos Dez Mil Budas, que visitamos e contem dez mil pequenas estátuas de Buda em alabastro e bronze. Foi construído entre 1890 e 1930 com capitais de cinco magnatas chineses residentes na altura em Penang: escolheram um local elevado, magnífico, donde se avista o mar: uma localização privilegiada.

Os tipos de manifestações religiosas e culturais dos budistas devotos revela até que ponto este local é transversal às várias origens étnicas dos que por aqui passam: uns passam contas, outros queimam incenso, as ofertas são muito diversas, e as atitudes de veneração dependem muito das correntes budistas a que pertencem.

Este templo é o ponto focal dos festivais da importante comunidade chinesa em Penang. Por exemplo, as celebrações do Ano Novo Chinês aqui são consideradas fora de série com milhares de lanternas e iluminações. Portanto aqui fica uma sugestão...

Em Direcção à Tailândia

Deixando Georgetown e a ilha de Penang, onde muito ficou por descobrir,

e nos deixa o desejo de voltar, iniciamos ao princípio da tarde a nossa viagem atravessando o país sobre os carris do lendário Expresso da Malásia em direcção a Norte, rumo à Tailândia.

Longas horas de comboio: de tarde, a contemplar as magníficas flores e paisagens tropicais, e depois a noite passada nos ótimos beliches. Após a passagem da fronteira com a Tailândia, sem problemas, chegamos de manhã ao nosso primeiro destino:

Kanchanabury, uma cidade importante nas margens do rio Kway. Aqui pernoitamos num alojamento de rés-do-chão no meio de um espaço verde associado a um restaurante da melhor cozinha tailandesa, cuja dona organizava cursos para a ensinar e tem mesmo um pequeno livro publicado. O restaurante chama-se "Blue Rice Restaurant by Apple and Noi" e uma das especialidades é o arroz azul!! Colorido com as pétalas de uma flor de um azul intenso que não introduzem sabor mas alteram completamente a cor. Se quiserem ver fotos busquem na internet o restaurante! A dona era uma personagem!

A Ponte do Rio Kway

Esta ponte ficou conhecida e imortalizada no mundo ocidental pelo célebre filme "A Ponte do Rio Kway" de David Lean, detentor de vários óscares, inspirado no livro do mesmo nome de Pierre Boule.

Consciencializa o mundo ocidental do que foi a construção pelos japoneses, na sua ânsia guerreira de virem a dominar a parte oriental da Ásia até alcançar a Índia, de uma linha férrea que seria um elemento chave para conseguirem rapidamente atravessar com material de guerra e exércitos a Tailândia e a Birmânia[1] rumo à Índia.

Vale a pena lembrar algumas datas. A Segunda Grande Guerra começou na Europa a 1 de Setembro de 1939 quando a Alemanha invadiu a Polónia. Até 1941 esta guerra ficou confinada praticamente à Europa e Médio Oriente. O Japão entretanto deu a conhecer planos para estabelecer uma Grande Zona de Prosperidade Conjunta (Co-Prosperity) abrangendo toda a Área Oriental da Ásia. Para isso o Japão planeou invadir as colónias britânicas, holandesas e americanas na região Ásia-Pacífico. Confiados nos sucessos conseguidos na Guerra com a China desde 1937 sentiram-se bem preparados e confiantes para tal plano.

A 7-8 Dezembro de 1941, sem aviso prévio, os japoneses atacaram Pearl Harbour, no Hawai, e ainda invadiram as colónias inglesas da Malásia e de Hong-kong, entraram na Tailândia, e ainda nas Filipinas tendo bombardeado Singapura. Em cinco meses os Japoneses tinham ocupado a maior parte das colónias dos aliados. Desejando ainda chegar à Índia, uma das acções para conseguir esse objectivo era construir uma linha de caminho de ferro que atravessasse a Tailândia e a Birmânia, para transporte de tropas e material de guerra através da floresta tropical.

A mão de obra usada foi a dos prisioneiros de guerra ocidentais e do

povo local da Tailândia e Birmânia, que sucumbiram aos milhares pelo calor, a fome e as doenças.

Visitamos o impressionante Museu sobre o Caminho de Ferro Tailândia- Birmânia em Kanchanaburi onde se toma bem consciência do que foi a violência humana da sua construção. Percorremos também os enormes cemitérios de campas rasas aqui existentes onde os que tomaram neste esforço de guerra, estão agrupados por países de origem, onde cada um dos que sucumbiram está identificado numa placa com o nome e a idade: uma contemplação que nos emudece e nos comove. Sucedem-se os cemitérios: dos holandeses, dos ingleses, dos americanos e dos australianos. Uma realidade difícil de compreender sob o ponto de vista humano. As forças aliadas bombardearam mais tarde a ponte até a destruírem em 1944. Foi restaurada mais tarde.

O Memorial de "Helfire Pass"

De manhã, após o pequeno almoço, deixamos o hotel em Kanchanaburi e seguimos num comboio especial para Nam Tok. Aqui descemos a pé para alcançar uma passagem difícilmente escavada na imensidão rochosa da geomorfologia local uma das mais difíceis que os prisioneiros tiveram de abrir para que a travessia do comboio planeada pelos japoneses fosse possível, com instrumentos rudimentares de martelos e picaretas onde a resistência humana sucumbia pelo esforço, o clima, e falta de condições de toda a ordem.

Aqui se ergue o memorial de "Helfire Pass"[2] em honra e memória dos 13.000 soldados aliados e cerca de 90.000 trabalhadores locais que morreram durante a sua construção da via férrea que teve aqui a passagem mais difícil de escavar quase sem meios técnicos, numa rocha aparentemente intransponível, para a construção dessa via férrea para fins militares. A construção da linha foi realizada em 15 meses.

Na continuação destas acções de guerra japonesas e a execução de várias outras, nos vários países da Ásia Oriental, conduziram em desespero de causa, ao lançamento de duas bombas atómicas pelos americanos Japão, em Hiroshima e Nagasaki, que provocaram imediata rendição do Japão e o fim da guerra.

Uma impressionante consciencialização de uma duríssima realidade da 2ª Grande Guerra na Ásia, para nós longínqua, no espaço e no tempo, passada do outro lado do globo mas com consequências inapagáveis para a história universal.

Continua na pág. seguinte

O Expresso da Malásia (4)



Fotos inesquecíveis... Ao cair do dia sobre a ponte do rio Kway



Locomotiva da linha entre a Tailândia e a Birmânia, de dolorosas memórias



A bordo não falta nada...



Olhar, absorver, respirar fundo, relaxar....



Para repouso e contemplação



A casa flutuante tem o seu próprio rebocador...

De Kanchanaburi para uma "casa -jangada"

Depois de toda esta tomada de consciência impressionante e comovedora, como foi relaxante e maravilhosa a experiência de mudar de enquadramento e embarcar numa "raft-house" ou seja, uma "casa -jangada", para pernoitar a deslizar pelo tranquilo Rio Kway!

Dormimos uma noite serena, nos sacos cama sobre colchões nos pequenos quartos arrumados no espaço disponível, contemplando de manhã o nascer do sol, entre as lindíssimas margens do rio com os seus templos coloridos espalhados e contrastando com o verde das encostas.

Íamos atracando junto aos mais emblemáticos templos budistas, muito vibrantes de côr, sempre enquadrados no verde contínuo das encostas neste clima equatorial.

A óptima cozinha tailandesa a bordo, as cadeiras de repouso a convidar à contemplação da paisagem e à meditação, sobre a água do rio a deixar-se percorrer de mansinho olhando o verde tranquilizante das encostas tornaram muito especial esta vivência, uma referência na nossa memória.

M. J. Lobo - Nov 2018



Óptima e bem disposta cozinheira de comida tailandesa



O museu onde percebemos como foi dura a guerra



Ao por do sol, a Ponte sobre o Rio Kway



O Museu da "Hellfire Pass", a mais difícil passagem a abrir para instalar a linha de caminho de ferro entre a Tailândia e a Birmânia



Neste caso a campa rasa de um dos combatentes do cemitério inglês.



Um dos cemitérios de soldados envolvidos na construção pelos japoneses da linha de comboio Tailândia - Birmânia destinada à invasão da Ásia oriental até à Índia